

Érika Amâncio Caetano

GAIOLA ABERTA



Pedro & João
editores

GAIOLA ABERTA



Pedro & João
editores

Érika Amâncio Caetano

GAIOLA ABERTA



Pedro & João
editores

Copyright © Érika Amâncio Caetano

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Érika Amâncio Caetano

Gaiola Aberta. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 189p. 21 x 14 cm.

ISBN: 978-65-5869-406-9 [Impresso]

978-65-5869-470-0 [Digital]

1. Voos em poesia. 2. Pousos em prosa. 3. Poemas. 4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD – 800

Capa: Sânia Fagundes e Petricor Design

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Dedico esta obra à pessoa que eu me tornei.

PREFÁCIO

Carlos Henrique Silva de Castro

Prefaciар um livro de poesias, em versos e em prosa, não é tarefa fácil para um não autor do gênero como eu, mas espero poder apresentar o livro com a generosidade que ele merece. Eu já lia os textos da Érika há algum tempo, no velho Garrastazu, blog que mantém desde 2009, além de sua produção acadêmica. Sou fã incontestе, mesmo que às vezes não tão constante como gostaria. Essa coletânea, e a organização aqui proposta, na forma do *Gaiola Aberta*, apesar de trazer toda uma carga de textos escritos ao longo de mais de uma década, é um livro cheio de frescor, de bom humor e, sobretudo, de muito amor. Se Érika prefere ser como o amanhecer, os textos que fazem essa coletânea, de voos e pousos, ora são como uma manhã aconchegante - talvez como a deste sábado de inverno de céu claro ao sul do equador, onde e quando me deleito em poesia e escrevo essas acanhadas palavras - e poucas vezes são mais soturnos, mas a noite para ela é quase uma preparação para a alvorada. Érika se desafia a transformar tudo que ouve em poesia, como anuncia logo no início do livro, e quem ler as páginas que seguem não duvidará disso. Para quem é seu amigo desde antes do Garrastazu, essa não é uma novidade, já que estar do lado

da Érika, quando temos esse privilégio, é estar rodeado dessa leveza poética sempre cuidadosa, bela, singela. Assim, Érika traz para estas páginas a poesia em que transforma o vazio, a angústia, as dores, as expectativas, com uma escrita madura e segura de quem faz isso na vida real. Seu texto é de coração aberto, um coração que é todo dela - não é de aluguel, como sugere ser necessário a alguns arrogantes que lhe atravessaram o caminho.

O livro se divide em duas partes: uma com mais poesia em verso, mas não só; outra com mais poesia em prosa, mas não só. A parte I, como o próprio título indica, é mais sobre voos, sonhos, fantasias, ou mais sobre as canções que ela tenta fazer da vida. Aí estão seus segredos, suas verdades, seu cotidiano permeado de um amor que é insistente e fervoroso, e, através de suas *magnifying glasses*, necessárias ao seu olhar etnográfico, alguns desalentos que se transformam pela sua palavra. Há também espaço para uns 3 pileques e outros devaneios bons. O livro, apesar de trazer textos de diferentes momentos da Érika, é a-temporal. Porque quem percorre as histórias e entrelinhas deste livro pode acreditar que vale a pena se entregar, pagar pra ver, vale a pena viver, ou, como Érika bem disse em uma destas páginas, *a vida que nos vem terrena vai valer a pena*.

Já a parte II é mais sobre pousos e a autora aparece mais capricorniana, com sua rotina, seu trabalho de formiga, de professora dedicada, de escritora. Nesta segunda parte, mais em prosa que em verso, há cartas, oração, resignação, reconciliação, reflexão em forma de ironia fina sobre a

arrogância, a vaidade, a futilidade. Se cita Dostoiévski, o novelesco e o trágico das relações, as culpas e os *amores azedos*, que parecem ser típicos da nossa realidade, perdem o protagonismo para a coragem, a força e a fé típicas dela. Assim, a leitura é leve - o que não significa que não seja profunda, sobretudo para quem a conhece um pouco e a reconhece nessas entrelinhas. É leve porque é bem escrito, agradável e bonito, tal como a autora parece perceber a vida.

Apesar de Érika declarar em algum momento que procura coisas bonitas e inspiradas para escrever, a mim parece que elas brotam naturalmente em meio a palavras bem escolhidas, equilibradas, comedidas, mas intensas. Para quem está no seu primeiro encontro com ela, seu texto flui, *frui* e, por vezes, provoca. Se a parte I começa com uma autodeclaração em que ela diz preferir ser o amanhecer, com o equilíbrio dos capricornianos, damas da noite pululam aqui e acolá, sobretudo na parte II. Como leitor, espero que Érika continue vestindo suas fantasias, transformando a vida em poesia, em canções, sendo bicho livre, colhendo girassóis. E deixe sempre a gaiola aberta. Aceito toda sua inspiração, suas provocações, seus conselhos, sua poesia, querida Érika, do seu pequeno infinito para os nossos corações. Ao leitor, à leitora, aconselho o mesmo!


Carluxo

Belo Horizonte, inverno de 2021

SUMÁRIO

PARTE I – VOOS EM POESIA

PARTE II – POUSOS EM PROSA



PARTE I
VOOS EM POESIA

AO MEU REDOR

Tudo que ouço
vira poesia,
mistura-se
ao que se imagina;
torna-se canção.
A alma aberta
é para-raio de ideia
salto pequeno-grande
da minha cabeça
pro seu coração.

DEDO DE MOÇA

Num sopro de vida, a gente vira a folha, bem sem querer nada... Sente-se cansada, casada, infundada - o fim da discórdia a cada nova rolha. Sol de anestesia, goles de água fria pel'alma gelada... Ao sair da bolha, pílulas avant-garde de cada dia... Terapia que desmonta, desconcentra, abarrota a cabeça tonta desde a placenta até o fim do mundo: reza santa em terra de cego sem rei revolvendo a revolta do mar profundo. A cada partida uma despedida de quem nadou fundo em água cristalina de torpor e mágoa... Do seu céu cai a água que te purifica, que te mumifica e rola bandida por suas faces ora contidas, simples, rosadas, cheias de fadiga, saídas de um conto de moça boba, pudica, que ao dormir entrega seus cabelos aos mais belos pentes de fadas. Num sopro de vida, a gente se sopra e reza pra cair pra cima; rola, se esfolia, volta aos tempos de menina crua, cheia de pureza genuína, que ria e achava que o mundo era baião de dois; que a vida, lá no fundo, era muito mais que baby-liss e pó-de-arroz. Depois o nós vira eu e Deus, esperança de sonhar o sonho que ontem me pertenceu, de calçar um sapato folgado. De apertado chega o nó preso à garganta, a impotência que me afronta diante do mero estar - de me enxergar tão pequena quando o que vale a pena é se entregar. Amar desse jeito crava no seu peito um buraco ateu - sem choro nem vela, despenca singela a fé naquela história, fruto da beleza, do sonho, da glória que Deus prometeu. Coração medonho, rouxinol tristonho a se procurar - guerra inconsciente do que é presente com o que vai passar. Num sopro de vida a gente respira... e sorve o que não fira tato ou paladar.

MEIA-NOITE

Sobre círculos de amor e dor
Sobre o céu, o mar e nosso voo
Sobre água e terra e caminhar
Sobre o medo de a onda certa vir
E eu não saber nadar...
Esse hoje é sobre um ontem que se desfez
Pra que o amanhã possa ter razão
É sobre escritos pelo talvez
Do seu sim e do seu não.
Agora é sobre não saber
É sobre foco, sobre perdão
E quando o dia adormecer
Horas de paz e escuridão.

Sobre a febre que mora em nós
Sobre brincar de ser comum
Sobre esperar sob lençóis
Por um mais um.
Sobre a graça de ser seu
Sobre protagonismo e destino
Sobre o que aconteceu
Com torpor e desatino
Sobre ter e não querer...
Sobre querer, querer tanto!...
E não pagar pra ver,
Não tocar o sino.
Quisera eu não sofrer,
Cercar-me do mais bonito
Buscar-me no alvorecer
Em meu pequeno infinito...

Se tudo há razão de ser
Não tenho amanhã nem ontem
Prefiro me amanhecer
sem que me desapontem.
Sobre manhãs e tardes
Sobre o que vem e vai
Sobre as novidades -
Sono que se esvai;
Sobre beijos
Abraços
Pernas
Braços
Olhos fechados
Medos baratos...
Sobre a noite que
dentro de mim
cai.

MAGNIFYING GLASS

Abriu a porta num impulso - meus olhos não encontraram sua descrença.

Ela pensou que fossem minhas suas expectativas

e chamou de cautela toda a minha indiferença;

de prudência minha intolerância;

de espaço a minha ausência.

Acreditou que eu merecia a sua confiança

e esperou paciente pelo fim da minha inconstância;

deu novas cores à minha inconsistência.

Não fazia isso em sã consciência
mas priorizou essa e aquela palavra
maquiou um ou outro gesto
confirmou o que deu-se a entender
abraçou-se a vozes do além
que diziam ser sabedoria
o meu medo de querer -
na boca o gosto indigesto
da minha indecisão.
Com um suspiro
ela tirou seu coração das minhas mãos
e o guardou na bolsa.
Caminhou até a porta
e jogou a lupa fora com força
aquela que há muito aumentava
o tamanho da minha intenção.

PRESENTE

E eu que ando distraída,
Pensando no que me apraz
E no que me convém...
Cruzando verdes campos em sonhos,
Fechando os olhos sob o sol,
Corpo ao relento...
Vestindo fantasias
que me vestem também,
que me enxergam tão bem,
sopros de vida a dois,
grãos de depois,
rima sozinha...

Espero pela chuva que disse que vinha,
Quero que a solidão que me aninha
Nos desconforte;
Porque um dia eu cultivei um dom
E confiei na sorte,
Numa linha torta ou fio solto
Que me oriente.
Aqui dentro...
sempre presente;
Sempre presente.

SEGREDO

Eu não sou triste
Nem sou poeta:
A hora existe
Mas não é certa
O pisca-alerta
Já está ligado
A porta, aberta,
O carro, usado
Ficar calado
É o que te importa.
Não abra a porta;
Ainda é cedo.
Só sinto medo
Do que há de ser.

Sair da toca
Fechar a boca
Piscar de longe
Bancar a louca...
Não feche a porta;
Tenho um segredo.
Ao som do vento
Do arvoredos
Serei sorriso
Por um momento
Se o samba enredo
Daquele dia
Não se perder...

Abra essa a porta
Pr'eu tomar tento -
Que ela se feche
Com sentimento
Pra que no embalo
Dessa batida
possa esquecer...

IT GIRL

Querem ser
de um pouco
tudo;
esbaforir-se
e rir-se
ao mesmo tempo;
chorar dentro
de um copo sujo
em pensamento;
entender de moda
arte
poesia
teatro
decoração
e sorver
gotas finas

de terno
arrependimento;
coleccionar anseios
decadências
devaneios
e clamar
por surdo
reconhecimento;
meia-noite à sós
meio-dia à forra:
desejo secreto
de viver
a mil por hora
com sistema
automático
de frenagem
e arrefecimento...

CINDERELLA SEVENTEEN

Espelho, espelho meu
será que existe no mundo
alguém mais tola
do que eu?
Será que um dia
terei a alegria
de um amor maior
que o de Romeu?
Será que assim cansada,
tão despenteada
ele há de me encontrar
e tomar o que é seu?
E quando ele chegar
vai querer me ensinar

tudo aquilo que sabe
e o que não aprendeu?
Será que o acaso
trará o descaso
de não ser cumprido
o que se prometeu?
Envolvida em névoa
seguirei covarde
sem fazer alarde
quando ele vier.
Mudarei meu conto
criarei um sonho
lindo e enfadonho
como um bem-me-quer.

SOUND AND SENSE

Viva
e deixe viver.
Não torne difícil pra mim
o que é fácil pra você.
Não fique zangado
Nem atordoado
Não se entristeça.
Não encha o peito de medo
nem de certeza -
não tenha pressa.
Não se sentir preso
também tem um preçõ:
o de ficar calado.

Não julgue
e não espere ser julgado.
Pense num limite
Se precisar, grite
quando achar resposta
A mesa está posta:
você deu as cartas
e me deu as costas.
Viva e deixe viver.
Não torne fácil pra mim
o que é difícil pra você.
E quando chegar
a hora marcada,
seremos um
ou não seremos nada.

VAI TOMAR BANHO, FILHO DE DEUS!

Lava essas vergonhas
com sabão e senso
pelo amor de Deus!

Lava as impurezas
de sua cabeça
com shampoo dos seus

lava esses seus sonhos
sujos e medonhos
LAVA A SUA FOME

lava essas feridas
lava sua vida,
seu filho do Homem!

AINDA QUE SEJA DE NOITE

A noite cai
desperta os pássaros feridos
os humores esmorecidos
os delírios escondidos
e se vai.

Tem quem goste
quem aposte
que aquele poste
tomou um porre
e agora se chama
Lady Di.

A noite tem som de pecado
tem corpo fechado
chove no molhado
porque ainda que seja de noite
o que surge passa
o que passa brilha
alimenta a fantasia
de quem só estava olhando
esperando
suspirando
ali parado.
Ainda que seja de noite
de dentro do dia escuro
avisto seus olhos gatunos
me olhando por cima do muro;
na mão meu coração despedaçado.

CLÁSSICO

Um dia Deus ainda vai castigar as pessoas mesquinhas
as maquinalmente maquiavélicas
as que escutam atrás da porta
e que salivam ao distorcer a vida alheia.

Um dia Deus ainda vai mandar um raio na cabeça dessas pessoas
que não veem a hora da próxima intriga
que não sentem desconforto algum ao ferrar o próximo
que são viciadas em causar discórdia.

Um dia Deus vai se encarregar delas, mas hoje não.
Hoje ele está muito ocupado comendo um sanduíche.

EU SEI

Sei
que as incertezas do universo
abrigam minha iminente desistência
que há vários nomes para o que corrompe
ou massageia
a nossa essência;
que também é assim
que você pensa.
Sei
que o que não pode ser
fica pra trás
que tentar fugir
há muito não me satisfaz
que meu corpo chama a sua insensatez
pelo primeiro nome;
que essa sede nos seus olhos
me consome.

Que o seu querer me despe
num segundo
que fazemos amor
pelos cantos mais simples
do nosso entender.
Sei
que agora é cedo
ou tarde
que sem muito alarde
vamos prosseguir
vamos conseguir
vamos descobrir
o sabor da novidade
a dificuldade
irregularidade
que é você sem mim
e eu sem você.

Sei
que é hora
de pagar pra ver.
Se anoitecer
e você não dormir
diga meu nome;
antes de ir
te beijarei inteiro
e te direi "não some"
mesmo sabendo
que você não vai sumir.
Se eu me entristecer
pegue o violão
e toque a canção
que eu queria ouvir.
Por algum motivo
sei
que você sempre
me fará sorrir.

VIDA FÁCIL

Já dizia aquele um que o que se leva da vida é conhecimento
que se desperta amor, se cava a própria cova, se planta competência...
Perguntam-me surpresos o que fazem essas luzes pelo meu cabelo
sem entenderem que são uma tentativa de preservar minha essência.
Pensam que os ditados populares ainda vão salvar o mundo?
Então respirem fundo e tentem ao menos reagir a cada fechar de olhos,
a cada pulsar de veias, a cada abrir fugaz de pernas
com alguma originalidade e um mínimo de inteligência.

AMOR PRA MIM

Amor
Amor pra
Amor pra mim
E pra você.
Amor pra mim?
Sim, pra você.
Amor pra quê?
Não sei, mas é.
Você não vê?
Você não quer?

Amor
Amor pra
Amor pra mim
E só pra mim.

E pra você?
Bem, vamos ver:
você não quer
você não vê.

Amor pra mim -
primeiro eu!
E pra você
amor, amor
mas não o meu.

ALCOÓLATRA

Eu entrei.

---Me senti

-----Como um rei

-----E sorri

-----Gargalhei

-----E corri

---Tropecei

Nem senti

--Borbulhei

-----Assisti

-----Destilei

-----Corrompi

-----Fermentei

-----Ih! Já vi

-----Abalei

-----E sumi

-----E voltei

-----Nem comi

-----Celebrei

-----Me despi

-----Apaguei

-----Ressurgi

-----Me esbaldei

-----Me excedi

-----Eu girei

-----Me senti

Como um rei

E caí.

Eu erreí:

Eu bebi.

SANTO SONHO

Sonho

Que sei

Que sinto

Que sofro.

Subo.

“Santo, salva essa moça, salva, santo!”

E o santo sacode, sereno.

Sorri e salta.

E solta:

“Santa, salva essa moça, santa, salva!”

CARNE CRUA

Deus ajuda a quem cedo madruga,
a quem lava e enxuga,
a quem trabalha duro
e ousa até o último minuto
sem mágoa ou embaraço.

Deus ajuda a quem se valoriza,
se especializa,
se qualifica,
sobe até o último degrau da escada sem nenhuma dica...
e corre pro abraço.

Tudo bem, nada disso é novidade pra mim. O que ninguém nunca me disse é o que Deus faz com pessoas que, assim como eu, têm boas intenções e muitas ideias, mas são cruas demais.

GENTE SEM ASA

Flor de mim
pedaço de você
cheiro de quem te viu
quem te vê...
Cara de caro
cor de TV
pompa e circunstância
sem mas ou porquê...

Vivo de longe
terra distante
careta
coisa de outro planeta
sem mim
sem você
sem flor
sem pedaço
presa em gaiola de aço
até aprender.

VELHO-NOVO

Por que você não diz a ela
que escreve poesia?
Por que não a convence
que o real é fantasia
e que um belo dia
os erros vão ficar pra trás?

Por que você não conta a ela
que quando a banda toca
você fica
mais feliz que os demais?

Talvez ela sorria
e te diga:
"você não sabe
a falta que te conhecer me faz..."

Talvez nesse dia
você sinta
que o velho-novo
que te fita
te cita
te dita...
esse não se acaba mais.

SpaGe INVADERS

Tenta. Tenta. Tenta.

Quase chega. Mais ou menos. Não.

Acorda. Lê. Dorme.

Fala e não escuta. Desintende. Apela.

Chato. Feio. Bobo.

sh

Arrasta os chinelos gastos e briga com a televisão.

DÍZIMA

Fins geram meios
meios geram métodos
métodos geram disciplina
disciplina gera destreza
destreza gera vazio
vazio gera doença
doença gera expectativa
expectativa gera angústia
angústia gera decisão
decisão gera pressão
pressão gera impulso
impulso gera libertinagem
libertinagem gera liberdade
liberdade gera libertinagem...

INFERNO BRANCO

Hospital tem cheiro de morte, doutora. Não acredito nessa opção.

Quantas pessoas cabem aí, na palma da sua mão?

Um dia o formol vai inundar os corredores

do seu orgulho, um dia você vai estar lá

pedindo pelo que nunca ofereceu

perguntando sem resposta

o que foi que aconteceu

Entubada e moribunda.

Com o dinheiro que ganha

podia

ao menos

alugar um coração.

PENITÊNCIA

Santo, santo, santo
Senhor Deus do universo
Perdoe-me pois hei pecado.
Se houvesse imaginado
que o sol também traz tanto frio
teria ficado mudo
nada teria dito;
teria pensado em tudo
antes de abrir a porta
e desafiar o desafio.

Perdoe, Senhor
por favor
esse meu desatino...
Brinquei de exaltar o amor
sem considerar a dor
que pisa a alma do homem
e tira o doce do menino.

MIRAGEM

Sou um espelho bonito;
tudo que eu quero
eu reflito:
beleza
felicidade
e fim de conflito.

HISTÓRIA DE UMA MESA DE BAR

Bebeu, acabou-se no vinho, tomou cachaça
E por fim mergulhou no escuro da fossa
Pensando na namorada
Que ainda não lhe havia feito nada
Mas que poderia, cogitaria
Fazer tudo o que lhe doía mais
Só em pensar
E em todas as outras heresias e blasfêmias
Que em momento algum se imaginava.
Teve medo, os calafrios lhe ouriçaram os pêlos
Os dentes travaram de cólera
Enquanto fazia reflexões sobre seu grau
De envolvimento (como pode?)
E culpava a namorada
Por ela ser tão interessante,
Tão voluptuosa, tão cigana
E ainda não ter-lhe feito nada.

Tomou toda a cachaça da garrafa
E viu no fundo a viagem à praia,
Os balangandans e os querubins da casa nova,
As contas e inúmeras possibilidades;
Reclinou-se, tirou um cigarro do bolso
E achou que não era mais que obrigação
Pensar em como teria sido
Sua vida sem ela.

FOGO

Coisas que não fazem sentido
às vezes me atraem
de uma maneira
meio pueril...
não brinque com fogo,
você me diz
em segredo;
eu sorrio
te envio
sem medo
um beijo de atriz
e respondo logo:
sou infantil
não é que eu queira
mas quando as folhas caem
no meu peito culmina um estampido

RIO DOCE

Minhas perguntas se espalham pelo seu sorriso
encontram seus olhos curiosos e brilhantes
esperteza que me bambeia as pernas.
Não esperam mais ser respondidas
que a resposta é pedra no caminho
e é meu peito quem pergunta
o que é destino
o que é amor
o que é que dá certo
o que é que se faz quando não se sabe
com quem se aprende...
Gosto de você porque você trabalha
porque quanto mais pensa mais sente que precisa
porque seu jeito descomplica o que não seria simples
porque já perdeu o medo de crescer há muito tempo

e cuida das pessoas ao redor
de todo mundo que te importa
e fala bem de coisas tantas
que me deixa pensativa;
chego a pensar que talvez você não seja quem eu imaginava
e conto estrelas me perguntando como descobriria.
Minhas perguntas se espalham pelo seu sorriso
encontram seus olhos curiosos e brilhantes
esperteza que me bambeia as pernas.
Não esperam mais ser respondidas
que a resposta é pedra no caminho
e é meu peito quem pergunta
o que é destino
o que é amor
o que é que dá certo
o que é que se faz quando não se sabe
com quem se aprende...

HEY, YOU: GET OFF OF MY CLOUD!

BOM DIA, LOUCURA!

BOM DIA, TENTAÇÃO!

BOM DIA, LUXÚRIA!

BOM DIA, CONFUSÃO!

...

bom dia, paúra...

bom dia, explicação...

MESTRE DOS MAGOS

Sonhei que sabia da essência das coisas.
Morri de tristeza, porque não tinha mais nada pra saber -
Levantei-me, abri a porta e descobri o lado B;
e não acreditei que a vida poderia ser tão... insossa...
O amor é um misto de sonho e dor
a satisfação não é normal, é impossível
O Mestre dos Magos é pai do Vingador!
.
.
Já não há nada nessa Terra
pra eu chamar de imprevisível. . .

PONDEREMOS

Se eu disser que não, você vai aceitar?

Se eu disser talvez, você vai me esperar?

Se eu disser que sim, você vai acreditar?

Então shhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh...

A PULGA

Sem cerimônia invado seu dia-a-dia e peço atenção.
Com astúcia sussurro no seu ouvido e exijo resignação.
Nado pelas veias do seu desalento, rogo-lhe pragas
transformo seus momentos de prazer em odisseias
mil pedaços mal articulados de infindáveis sagas;
pinto de preto cada uma de suas boas ideias
e ainda assim nunca hei de pedir-te perdão
pois se és tu quem me crias...
Tua sede me inventa
Tua fome me sacia
Teu sono me escolhe –
perguntas tornam-me ainda mais bonita
Sinto-me viva quando tu estás aflita
Faço carnavais de tua tormenta
Pois se és tu mesmo quem me alimenta...
E assim será até que para outro lado você olhe.

SATISFAÇÃO

O esperto só ganha
pro outro poder perder
ri quando faz o outro sofrer
acha bonito
dizer que os fracos
não têm vez;
a beata vai à missa
põe dinheiro na caixinha
e não paga a criada
analfabeta e assalariada
há mais de um mês;
Vejo coisas estranhas
a todo tempo,
o tempo todo

um vendaval
que vem de uma vez.
Queria ser bicho pra não preocupar
queria quando triste poder me esconder
queria escolher o que me perturbar
poder fechar os olhos e me ver
sozinha, fria, longe do que não chegar
rir dia e noite pra ninguém perceber
surpreender com meu belo cantar
até uma lágrima aparecer
pra eu poder nascer
e crescer
e voltar...
pra eu poder morrer.

JUÍZO

Tira de mim esse peso
mente que escapei ileso
desfruta do meu dissabor
sem pudor nem dor
sem crime ou castigo
Devolve-me as fotos de antes
separa o bom do distante
segura o que está guardado
com ou sem cuidado
e Deus será comigo.

GONE

Eu gosto das coisas que podem quebrar;
Gosto das coisas que podem sumir;
Das coisas que podem rasgar;
Coisas que podem arranhar;
que podem queimar,
podem derreter,
estragar.

O que eu não gosto é de gostar das coisas.

CHAMA

Vivi felicidade fina
Com jardim, piscina
Sonho de pequena.
Molhei-me dos pés à cabeça
em baldes de água fresca
pel'alma morena.
Sonhei que volitava alto
e bem dentro, de um salto
compreendi enfim
que a vida que nos vem terrena
vai valer a pena
sem jardim, piscina,
sem ouro e sem mina
se eu cuidar de mim.

FIGHT CLUB

Deixa eu te dizer
que mesmo que eu não queira
e que você não saiba
meu pensamento *a volte*
pousa sobre você
e te emagrece, te colore
te recria e redescobre
ilumina meu bel-prazer.
Nessa terra onde não há respostas certas
você é mais alto e mais forte
e seu peito emana simplicidade
e os mais puros e verdadeiros sentimentos
e os lábios preferem que seus olhos conversem
e me digam toda a verdade que guardam
sobre o que você vê.

Deixa eu te dizer
que ainda que eu não saiba
e que você não queira
minha razão *a volte*
pousa sobre meu saber
e varre com um sopro cada possibilidade vã
que se alinha à natureza dócil do meu ser
e inflige à sua figura um descompasso
um quê de sarcasmo
imaturidade inglória
até eu compreender que não se espera
o que não se pode querer.

DIVÃ DE SEDA

Eu queria que a febre cedesse
que o caldo fervesse
que a razão prevalecesse;
eu queria que o medo morresse
que o peito não doesse
que o destino aquiescesse;
eu queria sem hipocrisia
sem demagogia
sem anarquia
ou hierarquia
sem fingir que sei
ou dizer que não sabia;
queria com a gana de querer
com doses de *vamo* ver
acreditar em ser e viver
andar pra poder crescer.

Queria que o dinheiro desse
que você viesse
e me absorvesse
que me envolvesse
e bem me fizesse
que o corpo tremesse
que eu amolecesse
que o mundo soubesse...
queria que você me quisesse.

CARNAVALE

Devaneio com os pés no chão
titubeio em conspiração
te desejo em plena luz do dia...
Puxo o arreio, paz e oração
bamboleio, sombra e canção
fosse um beijo, me acordaria...
Doce entrega
há de vir em condição
quem se nega perde
dia e hora de chegar...
Velhos sonhos
vão subir nesse avião
Dois ponteiros
esperando a hora de mudar:
cozinando a sorte em seu lugar.

BAMBOLÊ

Jurei que não iria mentir
que não iria falar
e você achou
que eu ficaria aqui
a rodar o mundo
sem sair do lugar.
Longe que era perto
rosa do deserto
tempo me queimou
voo de peito aberto
e um calor incerto
pelo que restou...

.
. .
.

Lágrimas de teimosia
coisas que você dizia
e talvez sempre dirá;
brisa, caos e poesia
desapego que angustia
antes de você passar.

AVISO

Meu amor sussurrou no meu ouvido
que eu deveria saber um pouco de tudo;
Meu amigo disse que eu deveria escrever
de forma mais rebuscada, sem meias palavras.
Minha irmã falou um dia desses
que eu deveria me casar;
Minha amiga se indignou e me acudiu:
afirmou que eu deveria viajar.
Meu espelho tentou me provar
que eu deveria ser mais sábia
Minha mãe disse e repetiu
que eu deveria estudar pra sair de onde estava
Meu guarda-roupas me mostrou
que eu deveria me dar por satisfeita.

A solidão me disse pra escrever
quando o coração me deu carta branca pra chorar.
O sonho insistiu que eu deveria cantar
pra tentar me compreender.
A realidade me ensinou a lecionar
e a ela sou grata, e por ela não sou completa.
A esperança ponderou que eu deveria esperar.
Antes de morrer, queria fazer tudo isso;
agora minha música só tem uma nota -
estou do outro lado da linha, reles anja torta
e aguardo em silêncio pelo dia do juízo.
Estou morta –
Correr, parar, já não me importa
Sorrir, falar, já não me importa
Você, eu, já foi-se o tempo
Palavra gasta, passado tolo
Egoísmo, arrependimento

Foi-se o tempo
em que eu queria não fazer nada
ou fazer alguma coisa.
Se me procurarem
diga que morri.
Parei de sentir
não vejo
não ouço
não choro
não espero
não quero
não quero
Não quero que me olhe assim
Não diga que não é o fim
Morri de tanto viver -
não espere nada de nós
não guarde nada pra mim.

ATRAVÉS

Te procuro mesmo sabendo onde você está
te procuro porque preciso ver seu rosto
banhar-me na energia do seu sorriso
e recompor meu viço pálido
fazer as pazes comigo
sentir o corpo ávido
por um momento
pesar cada indício
com paixão e afeto
pó de estrela nos cabelos
belas histórias soprando pelos
por um jardim de sonhos secular...

SILENT LANGUAGE

Qual é o papel do não-dito?
Esconder o que está escrito?
Gerar vontade
curiosidade
tornar a trivialidade algo mais... bonito?
Talvez seja verdade;
talvez a falta de oportunidade
mate ou acorde
uma muda de sonho, sede, pensamento aflito
ou talvez
talvez seja tarde
para transformar serenidade em conflito.
O fato é que, na verdade,
na verdade mesmo,
nunca se há de saber o veredito.

ANDAMIAGEM

No mais, você me disse
enquanto olhava pra trás
corpo resoluto, coração imerso
em peso, sangue
esperança
e medo.
Ainda é cedo, sussurrei
enquanto minhas mãos
buscavam seus dedos
seus cabelos
seu sopro de vida
seu sono que habita
devaneios incertos
sempre corretos
dispersos
confusos
de sede
em segredo.

Esperarei pelo ombro amigo
Pelo amor bandido
e quando ele veio
achei que aquilo tudo fosse...
aquilo mesmo.
Desfilamos juntos pelas ruas
passos destemidos
mãos entrelaçadas
enfrentando o mundo
e só o que eu pensava
é que nada tem graça nessa vida
eu marchava, acenava e ria
enquanto olhava lá de cima
pra minha carcaça vazia -
palavrório doce
em coração azedo.

PRINCIPESSA

Visto suas roupas sem querer
penso que queria ser você
lavar meus cabelos com o seu shampoo
revolver seu universo nu e cru
sem pedir passagem
Perco a voz e deixo a desejar
Perco o medo e mudo de lugar
sem muito mistério, com pouca intenção
vem mais energia, vai mais atenção
há menos coragem
Cubro-me com sua noite escura
acalento-me em sua terra fria e dura
deixo um prato extra sobre a mesa
rio enquanto brinco de princesa
e você de paisagem.

GIRASSÓIS

Eu te amo porque você não existe.
Porque em algum lugar distante
você sorri quando está triste
sem dizer adeus.

Eu te amo porque é assim
como a gente sente poesia
e acredita em Deus.

Te toco como toco uma música
com as pontas dos dedos
que não são de carne nem de papel;
te imagino e te desenho no ar
sem saber como você deve ser
onde deve estar
num dia sem nuvens
como tudo que nasce
pra brilhar no céu.

Há muito planto rosas
e colho margaridas
mas os girassóis me interessam mais.
Eu te amo porque você é e não está
porque o mundo há de girar
enquanto você não vem
mas me sorri sem saber
num dia sem nuvens
atemporal
como tudo que surge
e nunca se vai.

PRAIA MINHA

Eu vi você.
Eu tive um sonho e quis muito que você fosse real.
Eu realizei o meu sonho de estar com você
No meu sonho
E achei que isso me fosse bastante.
O vento parou de soprar
A brisa entrou no lugar e eu,
Eu não sei,
Acho que só esperei
que só continuei
vivendo
respirando
sentindo que a vida é uma coisa de louco
E em meio a devaneios
com a cabeça doendo de erros e acertos
eu vi você

e o mundo parou
e o som ficou macio
e o barulho ficou lento
e a pele ficou confusa
o calor se multiplicou
e eu não pude parar.
Cheguei perto
tirei o coração da boca
e pus na bolsa
vesti uma carapuça de vidro
e mergulhei no desconhecido
. . .
Ainda hoje carrego areia nos cabelos
e conchas que cantam os versos mais lindos
por minh'alma afora.

SOM DO MUNDO

Eu não sei seguir
sem procurar pela sua mão;
seu dom de servir
me enche de orgulho
e obrigação
procuro em meu caminhar
uma forma de plantar o homem
e colher apreço pela civilização.

E mais um dia me deito
com lençóis de dúvida
a envolver meu
respirar desfeito
 vaidade frágil
sem saber direito
qual é o som
da sua direção;
rodopio em suspeita
descrente
rodeada de gente
e de solidão.

TRÊS HORAS

São três horas da manhã
e eu ainda estou aqui,
acordado,
enfático;
eu que tudo sei
tento ainda entender
por que você é assim
por que será que não tem
o que esperar
quando você
não está aqui

Fumo cigarros
envolvo-me
em meus próprios braços
acabo-me
vendo um filme tão clichê
passo pelo vão da porta
tremo por pura estupidez
tenho um fraco pela culpa
sempre que penso em você
sempre que imagino
o que tenho a perder
quando você caminha
sobre as águas
da minha indiferença
e quando,
sem pressa nenhuma,

me decompõe,
me transpõe,
me acessa,
suga toda a sensatez
que ainda me resta
e bate a porta
até outro dia.
E eu que tudo sei
que em nada acredita
eu fico a olhar a porta
me sentindo a contragosto um idiota
até agora,
até um dia,
até três horas
espero você aparecer.

DIARIAMENTE

Você passa por mim e finge não me ver. Eu sou a vaidade.

Você me olha e recua - sente culpa. Eu sou a gula.

Ganho de você sem ter que jogar. Eu sou o cansaço.

Você diz que não estou lá, mas te incomodo. Eu sou o medo.

Com você brinco de me esconder. Eu sou o dinheiro.

Você vive me atropelando e acha que eu não vou me importar. Eu sou o amor.

Por mim, você faria tudo que sempre teve vontade de fazer. Eu sou a raiva.

Você diz estar ocupado quando insisto em te dar a mão. Eu sou o perdão.

Desperto em você a necessidade latente de se explicar. Eu sou a inveja.

Seu corpo treme de prazer ao me ver chegar. Eu sou a preguiça.

Seus olhos mudam de cor ao me ver passar. Eu sou a ganância.

Te tomo de assalto, levo seus paradigmas e te deixo no chão.

Posso ser a pena, a dúvida, condescendência ou frustração.

Posso ser qualquer coisa diariamente, mas de verdade?

Se você tiver a paciência para olhar bem de perto, vai ver bem ao longe uma menina pequena que levanta e sai correndo em uma bicicleta quebrada, tentando alcançar a esperança.

A-TEMPORAL

O tempo cura tudo
constrói e desfaz
modifica a paisagem
joga água
ou terra
no que está
parado.
O tempo apaga
o que deve ser
lembrado
aperta a ferida
do que já deveria
ter sido esquecido
sem argumento.
Ser senhor
do seu próprio tempo
é coisa de ser evoluído

(vulgo desencarnado).
Sem tempo certo
sou seu predicado
e espero que
meu tempo
seja sempre
meu
sempre
diferente
de qualquer
outra
vida
sempre
uma edição
de qualquer um
dos seus momentos.

HANDWRITING

Dentre o preto
e o branco
escolho
o amarelo
mesmo que o verde
me chame a atenção
e que o azul
seja sinal
de liberdade.
Dentre o certo
e o errado
bebo o incômodo,
como o complicado
;

Pros sonhos tortos
de todo dia
há sempre
uma canção
plena de dúvida
e mocidade.
Se é breve na vida
que fique;
vou seguindo
com passo
arrastado
Os seus passos
rabiscam
meu peito
de aço:
escrevem
"saudade".

CASUAL

Seis da tarde;
dia quente.
A claraboia
pinta o céu
ao nosso alcance.
Sombras finas
se enfumaçam
tomam forma
se transformam
com ternura
incandescente
reacendem
o azul aparente
o torpor de antes.
O verbo vira
exclamação!

A última canção
chama pelo sol
poente
as nuvens se movem
vestem as cores
da noite
gatos pardos
desfilam orgulho
pelos telhados
e a novidade,
velha de repente,
vai-se por onde veio
esvai-se na penumbra
de um dia cheio,
sem pudor
amor
ou outra chance.

HELLQUIEM PARA UM SONHO

Eu sou quem você deixou escapar;
você é o que não pude realizar.
Dentre todas as estripulias
e animosidades de nosso dia-a-dia,
escolhemos por partilhar a teimosia.
Teimosia em correr,
em não saber,
em refazer,
em consertar,
em dizer o não dito
em desdizer
o que estava escrito
em exigir do dia um raio de luar.

Eis que o tempo passa
a lua chega mansa e fria
e ficamos os dois assim
parados feito duas estrelas
movendo-nos sem que se perceba
eu girando por você
você girando por mim
sopro de poeira cósmica
pelo seu jardim...
ânsia do meu paladar.

SOM E FÚRIA

Eu te atravesso berrando Rollings Stones
Te entorpeço dançando Amy Winehouse
Passo por você num estilo Positively 4th Street
Assovio o quanto aquele quarto de hora é Hard to Explain
E você me vem com um Automatic Stop;
Queria que eu fosse mais Like a Rainbow
E mesmo que eu insista em It ain't me
A Marisa diz que Aconteceu...
Você corre contra o tempo, Swallow your pride
Eu me lembro disso tudo and Dry my eyes
e penso que entre Romeu e Julieta e Sid e Nancy
escolho não ser nenhum - prefiro a precisão
de tão somente me amar
e correr pra onde você
não estará cantarolando And so it is
com os bolsos cheios de falta de coragem.

HERESIA EXPRESS

Estou pagando meus pecados a prestação.
Alguns dias
os bons ventos passam por mim
com tanta covardia
que o ofício sai do padrão.
Torna-se extenso.
Tenso.
Lento.
Eficiente ao extremo.
Nunca soube a resposta
para minha indignação
e nem respondi sim ou não
à sua pergunta
sobre as coisas que temo.

Apago um cigarro
no seu machucado
e peço às divindades
que sejam por mim?
Ah, mas nem se eu der dinheiro à igreja
(muito menos assim!)
Enquanto não entendo de dois mais dois,
estouro cartões pelo mundo
e espero
(meio calma, meio aflita)
pelo que
certamente
há de vir depois.

RESISTA

Um dia te levam a mão
no outro o braço
aquele grito à toa
ressoa
e lá se vai um ouvido.
Nunca te pedem perdão...
Você estica seus nervos de aço
aquele olhar te enjoa
ecoa
em seu pesar oprimido.
Pode levar-me a mão
mas nunca o braço!
Acabo sendo a pessoa
que destoa
ao não me dar por vencido.

ANNO NUOVO

Essa coisa de viver perdendo
de sair correndo
isso é coisa do ano passado
nunca do ano que vem
rolando, desbarrancando
caindo do céu em forma de enchente
inundando o ser ou não ser mundano
enchendo o prato de torresminho
e o ouvido de papo de fulano.

Esse ano tem que ser igual
de tão diferente
pois quem não chora não mama
E cá pra nós
essa coisa de viver perdendo
e sair correndo
mora é no dia de hoje
(sim, senhor!!!)
e se a gente não tomar cuidado
fica por tempo indeterminado
estampada no nosso presente.

O CONTO DA PRINCESA SUBVERSIVA

Ela dizia
que cansara-se da vida
e queria ser artista
de rua ou televisão.

Ela queria
que cedo ou tarde
o mundo coubesse
na sua mão

Sabia
que seu destino
estava ali, não acolá
e nutria muita raiva
por quem andava devagar...

Ela dizia, dizia, dizia
e de novo não lhe ocorria nada
andava por horas a fio
sem encontrar a estrada
até que um belo dia
olhou
pensou
e parou a caminhada
esperou ser temida
ou cortejada
entendeu que a ferida
haveria de ser fechada
sem mais dor...
Abriu os braços
fechou os olhos
e esperou.
Por duas primaveras
dobrou seus sonhos
e em segredo os guardou.

Um dia abriu a caixa
e então soube o que fazer.
Tão bonitos eles eram
tão coloridos
que o melhor mesmo
foi soprá-los como poeira
para dentro dos contos
poemas
e canções
que ela criava
enquanto dormia
e acordava sem saber.
Quer saber o que eu disse?
Nem não, nem sim.
Muda, calada,
leio o mundo dela
todo dia
cada palavra
e deixo meus olhos
falarem por mim.

SONHO, POEIRA E NÉVOA

Não sei ser senão menino
já sei que barulho é sino
cantar liberdade é hino
ou moda?

Tem graça brincar de roda
tem flor bela que se poda
até guaraná que é soda
ou fanta.

Vai ver Madalena é santa,
ou que o que é bom se canta
e o que é ruim se planta
segundo.

Pra descobrir o que é fundo
é bom desfrutar do imundo
o mundo domina o mundo
mais nada.

Ruim é cobra criada
que mete seu pé na estrada
sem rumo e sem caminhada
orgulho.

Queria que em um mergulho
o lixo virasse entulho
o beijo virasse esbulho
com pena.

A lua a cantar serena
diria na estrofe amena
que a alma não é pequena
diário.

Há sonhos dentro do armário
enquanto o que é ordinário
te faz respirar no aquário
de terra.

Nem tente vencer a guerra
porque se você não berra
Não ganha enquanto não erra
sozinho.

No meio do seu caminho
podia haver um espinho
pro dia mover moinho
de noite.
Um dia com muita sorte...

UNIUNÍSSONO

Seus sonhos
fazem de mim
uma verdade
difícil de engolir;
difícil de esquecer.
Suas ilusões
te alimentam,
atortentam...
me engrandecem -
você sabe que não me conhece
e me quer assim mesmo
desse jeito que você acha
que deve ser.

Só tem uma coisa
que penso eu
não ter ficado
lá tão clara:
Eu
decididamente
definitivamente
lúcida no passado
futuro e presente
não quero nada com você.

SAPIÊNCIA

Tentei te dizer,
você se lembra?
Ontem à noite,
sem luar
perto de algum lugar
vazio
em sua essência.
Sua mente erra
sozinha
mas não se engana;
ela sabe o que te espera
dia após dia
com toda a paciência...

Cá não estou eu,
sua dor não me cabe.
Dos males
sou a independência
e me comove
saber que você não sabe.

RELIGIÃO

Tá tudo errado.
Inacabado.
Inesperado.
Chato sem saída
descolorido
baita dividida...
Aí eu vejo aquela nuvem branca.
Ah, aquela nuvem branca!...
E por baixo da nuvem branca
vem o sol amarelo
brilhando
reluzindo
derretendo a sede por paz no meu castelo

Ele vem chegando
se espalhando
devagarinho
e a nuvem branca vai sumindo
se perdendo.
O sol já sabe de cor o caminho:
inunda minha cidadela
transita sem dizer nada
por cada beco, cada ruela,
exultante como o mel...
Obrigada, cervejinha -
a ti sempre serei fiel!

PASSAGEM

Entro mar adentro
subo ladeira adiante
meu coração pulsa mais forte do que antes.
O corpo para, mingua, se abate
luta sem resultado aparente
É fundamental que eu não me espante
e é natural que eu me afaste
do mundo, ali deitado
jurado de morte
jogado ao sal e ao sol da própria sorte.

Penso em comandar um levante
Lembro-me de dom Quixote
do Grande Mentecapto
acho tudo aquilo fascinante
Sorrio e num sopro a vida se esvai.
Quero pedir a eles que não chorem
que a dor passou, que o mal se foi
que a luz que eu vejo agora
me acalma, me restaura
me leva a um lugar impressionante.



PARTE II
POUSOS EM PROSA

LÁ DE LONGE

A distância. À distância? Ah, distância, eu ainda te pego; mas com toda essa distância... Com toda essa distância a cabeça fica doída e passa a criar um milhão de fantasias. A distância é a irmã mais velha da hipocrisia, tia do juízo, juíza do supremo tribunal da vida política, amorosa e desatinos de todo dia. A distância transforma cachorro em gato, olhadinha na rua em amor eterno não realizado... tragédia grega em casinho engraçado. À distância se esquece que aquele príncipe sempre será um sapo e que não há nada de extraordinário naquela história que nasceu, morreu e acabou sem que alguém tivesse sido comunicado. Pois se à distância nem parece que o Collor foi impeachmado... A distância tinha era que curar, não virar palco de maluco ou migalha pra necessitado.

MOTTO DA VIRTUDE OPRESSORA

Cara, eu acho tanta coisa que a certeza naturalmente fica muito sem-graça em chegar perto das minhas ideias... Como um grupo de achismos pode ser arrogante! Humpf...

ONZE MESES

Dia novo. Dia estranho. Sinusite dos diabos! Cama. Chá. Bolinhas de açúcar. Cama. Netflix. Aulas online. Alunos... Suspensão das aulas presenciais. Outra aula online. Suspensão das aulas online. Álcool gel. Oops, sem álcool gel. Sem academia. Sem restaurante. Tiquim de tensão. Supermercado = novo parque de diversão. Supermercado = interação social. Supermercado = egoísmo do caramba. Supermercado = eu tenho, você não tem, hehe. Cama. Chá. Nebulização. Máscara. Manheeeeeeeeeeeeeeeee... Meditação. Aulas de funcional na sala. Solzim na laje. Céu bonito. Friozinho bom. Pazes. Altas. Confinamento em dupla. Cervejinha. Risadinha. Vinhozinho. Filmezinho. ID. Comedy. Desavenças inesperadas. Quasi-despedidas. Rupturas. Recomeços. Esperança a toda. Leituras. Amigos. AMIGOS. Família. FAMÍLIA. Escolhas saudáveis. Força! Oração. Insônia. Tantão de tensão. Céu bonito até. Música linda, sô... Vidinha simples, simples. Nós desatados. Game over. Game other. Game. Culpa só que não. Sonho. Privilégio. Alegria. Amanhã...

OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA

Deixe-me ver se eu entendi: o modelo que o senhor acabou de adquirir já apresentou defeito após apenas dois meses de uso. Irreversível, porque hoje em dia o trabalho para consertar não compensa - há muitas opções mais baratas e compatíveis com suas predileções. Não vale a pena sequer refletir sobre a forma como o senhor utiliza o produto. Se o bem recém adquirido é frágil ou demanda maiores cuidados, não é o senhor quem tem que se desdobrar para ser servido com eficiência. O senhor nada mais é do que uma vítima da sociedade, mais um indivíduo ludibriado pela promessa de funcionamento pleno do aparelho conforme suas ordens, condições e necessidades. Se me permite uma sugestão, ao menor sinal de dúvida, TROQUE. Nas novas versões, o senhor pode configurar, além do idioma, posicionamento político, preferências esportivas e comportamento in e outdoors. Além disso, a opção "diálogo" pode ser desativada a qualquer momento ou mesmo desinstalada. Tudo isso inteiramente grátis e sem sair de casa! Esses modelos com armazenamento de memória e kit opinião própria estão saindo de linha - simplesmente obsoletos. Desprovidos de kit codependência, mais parecem um Pense Bem que um Playstation (e convenhamos, quem quer passar momentos preciosos a montar quebra-cabeças sobre si e sobre o outro? Foi-se o tempo em que esforço gerava realização). As opções Construção Colaborativa e Demanda de Esforço da Outra Parte têm gradualmente dado lugar a

configurações mais atuais, como Me, Myself and I e Venha a Nós. Não há algo mais fora de moda hoje em dia que o senhor ter que aprender a manusear e acondicionar o aparelho. Nada de se preocupar com ele! Os modelos disponíveis no mercado são cem por cento programáveis a partir do primeiro uso e se alimentam do que o senhor se propuser a oferecer - e o melhor: com um simples comando de voz. Obsolescência programada, ora essa! Eu diria felicidade instantânea - infinita até a próxima troca.

THRESHOLD

Fui eu quem partiu, mas o desconforto prossegue. A dor insiste em doer. Disseram-me certa vez que quem quer sair não sofre; só sente calafrio e mal-estar da lembrança quem queria ficar e lutar ou só permanecer. À medida que o tempo passa, tudo vai mudando de forma sempre e lentamente, como o bailar das nuvens num dia qualquer. Da janela do quarto avistamos o mesmo céu, e talvez por isso seja difícil compreender a natureza de tanta diferença no que a gente vê. Temo tornar meus passos cognitivos demais, mas se você degustasse minha sequência de palavras escritas com uma boa xícara de chá, veria que não era medo nem ilusão, que tudo fazia sentido. Ando pelo meu pequeno mundo e me abasteço de carinho a prestação - levo um pacotinho de coragem no bolso esquerdo do vestido. Sinto o calor na pele clara, sinto o vento a mudar-me as feições e escolho viver mais um pouco, mesmo sem estar inteira ou pronta pra outra surpresa... troco a decepção por uma pilha de trabalho, guardo minhas cartas embaixo da mesa e tento não pensar que mais uma vez pode não dar certo, ou que tinha tudo pra ser incrível numa outra ocasião.

ANDANÇAS

Ontem tive um sonho que já tinha tido outra vez, tempos atrás. Eu corria em um campo aberto cheio de flores, braços ajudando as pernas, o corpo inteiro sentindo com prazer cada raio de sol. Eu corria com os olhos febris e a ânsia de quem quer chegar, e pensava no mar e na brisa que me modelava os cabelos com seus dedos macios e pacientes. Corria com disciplina e leveza, coração batendo com pressa, lágrimas desenhando-se pelos meus olhos escuros e o gosto de doces promessas invadindo meus lábios entreabertos num sorriso. Corria e sorvia o perfume e observava as cores ao redor e sentia meu peito cantar em uníssonos a canção dos novos tempos. Fechei os olhos por um segundo e senti o calor de um abraço demorado. Corpos e bocas e cheiros que naturalmente se aproximavam, gestos suaves e encompassados... milhões de borboletas bateram suas asas delicadas dentro de mim e disseram sim, esse é o caminho bonito que trilhamos pra você seguir.

VAI, MENINA, SER OUTRA COISA!

A gente tenta. Mesmo. Tenta pra não perder o viço, pra sorrir ao vislumbrar a velha escrivainha e o que sobre ela te espera. Tem tanta coisa que você gostaria de fazer... línguas, viagens, dança e cinema, maternidade, mestrado e decoração ... por que não tenta? O máximo que pode acontecer é o universo te dizer não, você cair de muito alto e/ou sofrer laceração, descobrir que ali não existe a tal da vocação, tomar um porre de Stella e pedir a separação. Faz parte. O que não dá pra fazer é ficar chupando o dedo querendo que ele fosse um pirulito, remoer no peito um sentimento esquisito de quem não conseguiu ser nem *gauche* na vida, por mais que estivesse escrito.

CHANGE

Hoje me peguei pensando nessa palavra. Essa mesmo. *Change*. Tantas mudanças de uma só vez que a dificuldade para assimilá-las todas tem por vezes dado lugar à aflição, ao medo de ser, de ter, de ver minha vida florescer só porque eu mereço... Só? As palavras teimam em brincar comigo em dia de coração que pega fogo, em hora que passa devagar e de repente já está - a consolidar ideias tímidas, a levantar bandeira de um simples duvidoso demais. Bandeiras dizem tanto... quase tanto quanto as palavras que me fogem dos dedos, cheias de constatações e vontades, imposições e maldades, malícia que o outro derrama e faz gelar lá dentro da barriga, num lugar estranho que não foi preparado pra absorver tanta angústia, tanta confusão... Por muito tempo tudo o que eu queria fazer era... *to change*. *Change jobs, change my lifestyle, change the way I feel about things, change my mind about the fact that some things cannot be changed. Change my idea of family, love, joy, freedom and responsibility. Change my conception of merit, choice, reward. Change myself from inside out to be less needy, more optimistic, less distracted, more assertive...* O que me veio à mente de forma muito sutil, logo hoje, dia difícil, dia grande, compulsoriamente ocioso, é que *change* também é troco, esse que a gente recebe quando paga a mais, quando dá mais do que o outro espera receber. Olho pra baixo e penso no quanto o que estou vestindo agora me define - jeans e camiseta, sem pretensão de ser outra coisa. E mesmo assim

existe toda essa mensagem, essa miragem criada no imaginário de quem não te conhece, essa linhagem que você carrega sem perceber, que não sabe precisar de quando vem, pra onde vai, se vai só... Só? Informação demais guardada no HD do outro: um sorriso que muda de cor, um par de olhos que mudam de tom, um olhar parado, em direção a coisa alguma, olhar daqueles que falam baixo pra você não ouvir, que parecem achar o que procuravam muito longe de onde você está. Nem sempre foi assim. *We need change, so when it hurts too bad we can stick to the remains of what we once gave away and feel grateful for having so much faith in nothing other than ourselves.*

INSPIRE

Esses dias assisti a uma palestra com um autor de livros, todos os tipos de livros. Nem um pouco interessante - a tecnologia realmente emburrece as pessoas e tolhe todo o tipo de criatividade. Fiquei pensando que se o Power Point não abrisse por qualquer motivo, ele provavelmente não teria um plano B. Um autor de livros, todos os tipos de livros. Um escritor que ministra oficinas de escrita literária para uma pá de jovens sonhadores, aspirantes a atrevidos. Não deve ser barato - afinal ele tem o nome estampado em um monte de capas de todas as cores e tamanhos, ainda que muita gente não conheça nem ele nem as obras. Após a "palestra", um bate-papo com os alunos. Uma chuva de perguntas interessantes, que ele não respondeu nem à altura, nem não. Devaneou, como se estivesse em um tempo muito diferente do nosso, em uma esteira móvel que vai dar num lugar confortável, conveniente, um apartamento antigo com memórias óbvias e respostas curtas de tão longas. Enquanto isso, os alunos trotavam em cavalos alados pelos bosques do infindável, do inimaginável, da sede que molha a boca quando a gente sabe que pode, que pode ser, que pode ir, que pode virar qualquer coisa porque a moda agora é se arriscar, correr perigo - e voltar pro casulo não menos óbvio que aquele apartamento antigo. Uma pergunta me intrigou pela pureza da resposta que ela teria: como é que você se inspira para escrever? A resposta, nem boa nem ruim, só sincera, também me rendeu *reminders* de

indigestão pela tarde afora, um incômodo que sentou em cima das minhas convicções, me pesou as costas. Pegue uma palavra, ele disse. Por exemplo, a palavra RIO. Faça uma lista das palavras que têm a ver com RIO - córrego, água, cachoeira, mar, correr, nascente, margem. Agora tente colocar essas palavras juntas e comece a escrever. Não é como Chico Xavier, ele completou com um risinho irônico, não é só colocar a mão na cabeça e deixar vir - a gente precisa das técnicas certas. Fiquei murcha na cadeira. Ele me olhou e sorri um sorriso meio amarelo, meio complacente. Meus olhos diziam com todas as letras que eu não concordava. No dia em que técnica tiver o mesmo nome que inspiração, a inspiração vai ter que mudar de cidade, cortar o cabelo, calçar a cara e dizer Inspiração, não: me chamo outra coisa.

SONHOS VERDES

Os sonhos se sustentam sobre nossa alma infeliz. Põem-se de pé e até fazem ginástica em cima de nossas pequenas cabeças. De repente tudo se torna tão diferente daquelas perspectivas furadas das pessoas ordinárias... Agora você não é mais um reles mortal: você é alguém que tem em mãos o “Emplasto Brás Cubas”, o poder da vida eterna! “Meu Deus! Um momento inteiro de júbilo! Não será isso o bastante para uma vida inteira?...”¹ É nesse devaneio frívolo – e tão solitário – que a ilusão acontece.

¹ Dostoiévski, *Noites Brancas*.

STRAY CATS

Você? Te provaria por curiosidade; vontade não tenho mais. Eu? Continuo a ser enganada por quem me diz que sabe a verdade, que libertador é ter certeza de alguma coisa. Balela! O que me impede mesmo de parar essa loucura é meu medo de ser - por vezes posso parecer indelicada, mas qual! Penso que ninguém pensa mais nisso hoje em dia. O que eu queria? Um carro novo responderia bem a essa pergunta sem levantar suspeita. Acho que vou focar nisso enquanto o mundo se encarrega de proliferar a antiga mania de preencher as próprias horas com receitas alheias. Podia também aprender a cozinhar, ler sobre o intangível ou explorar o improvável, mas tenho a latente impressão de que eu... estou cansada. Sei o que acontece quando as luzes se apagam e até entendo a necessidade de se mudar o paradigma, mas insistir que eu preciso é óbvio demais. Aliás, te acho muito óbvio, e com toda a sensibilidade que te cabe, te acho cético - com todos os excessos da profissão. Pronto: estou pronta para te dizer que vou sobreviver - e você também vai - a quem quer que decida me encontrar no fim da estrada. Quando cai a noite, gato pardo e cobra criada andam juntos em barro grosso de ideias furadas... e animosidade da mais simples.

NO ONE ELSE

Oi.

Oi.

Desculpa, eu...

Nada. Deixa pra lá.

Entra.

Tá.

Senta.

Brigada.

Cerveja?

Parei.

Sério?

É.

Água?

Tô tranquila.

Nossa, você tá...

Linda?

É...

Valeu. Você também.

Sua pele...

Hum...

Tão macia...

Sua barba...

Sempre...

Tanto tempo...

Tanto tempo que eu não te esqueço...

É.

Eu te amo, sabe?

Assim?

Loucura, eu sei.

Né?

Mas não te esqueço.

Nem eu.

A gente tem que tentar.

Agora?

Agora. Por nós.

Pela curiosidade.

Não é por isso!

Tá com medo?
De quê?
De admitir, uai.
Que eu te amo?
Não, não, não.
Que a gente precisa fazer isso?
Por quê?
Porque esse ciclo tem que se fechar!
Hum... amor ou curiosidade?
Carma!
Nossa...
Penso além dos sentires comuns.
Então eu sou comum?
Você é a pessoa que vai mudar a minha vida, porra!
Agora ou depois do sexo?
...
Por que eu estou aqui?
Foi a primeira que atendeu. E você?
O primeiro que ligou.

Não tem que ser assim.
É mais fácil pra mim.
Larga essas pedras no sofá e vem comigo.
Você me faz rir.
Você me faz pensar.
Em quê?
Em te ver sorrindo, em te achar na multidão.
Não tem que ser assim.
É. Não. Vem cá.
Também sinto.
Eu sei. Desculpa.
Por...
Pirar a sua vida.
Brigada.
Por...
Pelo mesmo motivo.

COM AMOR E COM MEDO

É assim que eu vivo: uns dias com mais amor, outros com mais medo. Fiquei feliz ao ver que a paranoia do Raul está também (d)escrita pelas linhas da minha vida. Se Deus nos acompanha todo o tempo, como é que a gente respira sem pensar nessa falta de privacidade, que nem no show de Truman tinha *pay-per-view* sem edição? Se alguma coisa da minha cabeça cai numa folha de papel ou vira recado virtual, bate a angústia de A contar pra B sem a minha permissão. Fico querendo falar de amor com medo de quem vai ouvir, meditando e sonhando sem me dar sequer o direito de me distrair... Quanto amor abrigo no meu ser! E quanto medo de ficar presa em minha própria caverna do dragão... Nesse mundo redondo de tão quadrado, nesse dia curto e espaçado, calor e medo, amor azedo tornam abafada minha intenção de comer bem e dormir cedo, de amar além e trocar - já não é segredo - a culpa pelo perdão. Um dia hei de abrir essa porta que conecta o peso do dia-a-dia ao meu desapego. Até lá, que o medo se agaste, se desgaste e que o amor dê um cheque-mate na insatisfação.

EU TE AMO

Quanto mais eu avanço nessa longa caminhada, mais percebo o quanto é importante que eu me proteja da minha própria ignorância, da minha insegurança e seus antecedentes criminais, falta de informação e afins... memória histórica, política, cultural, geográfica... afetiva. É preciso que eu lave todas as minhas impressões com novas perspectivas diluídas em água morna; quero ver essas pessoas que passam como patos a nadar em fila pelos meus pensamentos com uma cara mais bonita - cara de quem um dia agradeceu com a visita, cara de quem me ensinou alguma coisa. Enquanto me planejo, peço em oração por cada um dos meus desafetos e esse momento figura em meus dias como o mais precioso. Luto contra minhas noites brancas de desesperança porque sei que o calor habita aqui dentro - amarei por toda a minha vida, enquanto preciso for... enquanto for, preciso.

S.I.M.!!!

Hoje convido você a dizer SIM. Sim para o sol que chega devagarinho, sim para o tempo frio que pede por um abraço do seu suéter mais macio, sim para os desafios de um novo dia que se desenrola no calor da novidade. Vamos trocar "incerteza" por "surpresa", "dificuldade" por "motivação", "remoto" por "de molho em água perfumada"? Hoje é dia de dizer sim para as superações, para as emoções, para as diferenças. Esqueça o que deu errado e diga sim para o que está certo, para o que está bonito, para as coisas boas que te rodeiam e para tudo o que está guardado esperando a hora certa de acontecer. Diga sim para o objetivo, para o resultado, para o medo que trouxe prudência, para o toque áspero que hoje responde por toda a sua delicadeza. São só três letrinhas, então diz que sim, vai... Em dias como hoje, dizer sim faz toda a diferença ;)

MAGALI

Ninguém disse à Magali que ela teria celulite e precisaria saber lidar com isso. Ninguém falou pra ela que doce demais dá diabetes, que gordura aumenta o colesterol, que a era do metabolismo acelerado tinha dia e hora para terminar. Ninguém a informou que a Mônica poderia deixar de ser sua melhor amiga por mera questão de afinidades, ou que o apreço pelo dinheiro e o apoio às minorias colocariam o Cascão e o Cebolinha em grupos de pensamento distintos, e que todos eles acabariam se rendendo à auto-promoção via facebook. Certamente ela não foi avisada que sua casa na rua do Limoeiro seria trocada por um *apartamento* em um prédio de luxo com varanda gourmet e área de lazer construído no lugar, e que um dia seu pai teria dificuldades financeiras e ela teria que trabalhar para pagar por suas guloseimas. Ninguém contou à Magali que ela não seria magra para sempre, feliz para sempre ou que ela se casaria e continuaria a procurar pelo amor, e acordaria every other day cheia de dúvidas a martelarem-lhe os miolos durante o chá da manhã. Ninguém contou à nossa amiga que crescer seria difícil - ou talvez ela já soubesse disso há muito tempo, e por esse motivo tenha optado por passar a vida dentro de uma revistinha, a brincar com seu vestido amarelo, seu gato, seus amigos, o Quinzinho e suas doces melancias.

MEDO DE FLOR

Nessa noite sozinha, sem lua e sem estrela, caminhei mais uma vez para casa, resignada por meu próprio cansaço. Sonhava com pés descalços e brisa fresca antes de recolher-me à minha significância, porque dias que não cabem nos dias ressignificam a noção de privilégio, oprimem a de escolha. Descalça e despenteada, arrastei-me até o suco de uva que esperava encontrar na geladeira e acabei por parar os olhos em três vasos de violetas bronzeando-se à janela. Lembrei-me subitamente dos meus. Também eram três; também bronzeavam-se à janela, perfumavam minha alma. Acarinhava-os pela manhã, contava às amigas da minha vida e as sentia atentas a cada um dos meus devaneios. Certo dia, uma delas parou de florir - as outras duas deram a acompanhar o malogro. Comecei a adoecer. Se me deixarem minhas doces florzinhas, como poderei aninhar-me novamente em minha solidão com cara de solidão? Não, não, não. Voltei-me para meu pequeno jardim em súplica, pedindo a elas que lutassem - senão por elas, por mim -, que insistir é a alma do negócio quando tudo o que se quer é viver pra amar mais, pra amar de novo, pra amar somente, pra sentir o que se sente e sorrir de um jeito que traga paz. Naquela ocasião, chorar não cabia em meu relógio apertado como meu coração. As lágrimas, no entanto, choveram sem querer, sem saber que me limpavam o peito e davam ao meu jardim substância de sonho, de moça que quer ser menina, de pureza grata, desejo de ser mais, de crescer. E

pouco a pouco elas nasceram; sorridentes floresceram sem pudor, sem traquejo, sem cerimônia ou refinamento. Com elas renasceu minha esperança. Por isso hoje, ao olhar para aquelas lindas mocinhas cor de violeta, meus olhos choraram um pouco mais - ao partir, fui-me embora sem olhar para trás; ainda hoje minhas amigas bronzeiam-se à janela da minha lembrança.

SHREK

Como saber se a gente gosta mesmo de alguém? *Tricky question*. Você não gosta só porque a outra pessoa gosta de você, ou só porque ela é legal e tem as melhores intenções. Você até dispensa pessoas que estão dispostas a cuidarem de você, que te compreendem do jeito que você é, que só querem o seu bem. Você tenta criar conjuntos de regras na sua cabeça, faz desenhos e organogramas pra tentar definir do que é que você precisa. Você fica aflita até os 48 do segundo tempo pensando que gosta de alguém que não gosta de você. *Good old orgulho ferido* que vira amor no coração de quem não se curte. E assim você vai colhendo os caquinhos de todas essas experiências passadas, refletindo sobre esses estereótipos que a vida a dois nos oferece, até entender que o amor é uma coisa que acontece. De repente. Inesperadamente. Em um lugar inusitado, de um jeito engraçado, que é pra lembrar e rir depois. Já ouviram dizer que o amor mora ao lado? Pra que ele apareça, no entanto, você precisa acima de tudo... se conhecer. Saber quem você é pode ser a chave para que aquele mortal cheio de imperfeições dê de cara com a sua cara... e queira ficar ali só mais um minuto, só mais algumas horas, poucos dias, meses, tempo atemporal que dança ao ritmo da compatibilidade de gênios, da intensidade dos sorrisos, da harmonia pacífica que se instaura quando não há para onde fugir. Da viagem à praia ao fim de semana John e Yoko, nada cansa, nada pesa, nada é tão complicado que não possa ficar melhor

só porque é simples. Saiba que para cada boba romântica sem muito jeito pra essas coisas vai ter um espectador que acha essa falta de destreza algo gracioso. Para cada capricorniana séria e preocupada em ser adulta há alguém que admira tais valores, que vibra com essa vontade, com essa força. Alguém pra passar a mão no seu cabelo e dizer Calma, você está indo bem. Calma, vai ficar tudo bem porque você quer, porque eu te quero bem demais. Calma - é por tudo que você representa que eu estou aqui.

TRANSCENDENCE

... e foi assim, de um jeito que não se explica, em dia que não se lembra. Num daqueles dias em que a gente acha que era feliz; saber, mas se nem agora dá pra se saber de coisa alguma...

Fiquei um bom tempo achando que falava demais - que nesse mundo de verdades veladas eu sinto e demonstro tudo... me aprazia o som da minha própria voz, e com fás e sóis iam-se histórias, gracejos, balelas de todo tipo... risadas e dores sinceras. Sonhando como o homem ridículo que tomou o coração de Dostoiévski nos braços cansados, febril no meu devaneio idiota da bondade (vulgo maneira simples de querer, ser, viver e sentir) ocorreu-me um dia o desejo de calar-me. Por um dia e outras horas, por tempos alheios ao todo dia comum. Quando foi não sei ao certo, mas bons ventos me dizem que talvez não seja lá tão importante assim.

E de repente estava ali, cantando sem poder cantar; falando sem conseguir, garganta arranhando sem querer... Pensei, pensei... e entendi que há de chegar a hora em que meus olhos te dirão com um sorriso tudo o que o calor do meu corpo te confessa sem pretensão - que o universo é quem nos orienta; que sem ouvir meu canto você assovia a minha canção.

EXPECTATIVA

Viver é difícil, sabemos bem. Difícil mesmo, contudo, é não esperar em nada nem ninguém. Criam-se sonhos mudos, segredos parrudos na imaginação; a boca sorri um tudo bem enquanto os olhos falam só que não. Assim é quando a gente aperta dentro do peito o desejo de gostar, quando a gente engole seco a vontade de falar que quer, que vai, que se vê ali depois de amanhã... Chamam de responsabilidade afetiva não permitir que o outro espere em você - mas e se for exatamente isso o que você quer? Planos loucos, projetos descabidos que cabem certinho no seu coração - vontades de corpo, de alma, de amizade sincera, de afeto que espera pra virar lealdade, respeito, liberdade, deveres e direitos, via de mão dupla, perdões e desculpas, doce emoção :) Quem espera sabe que plantou flores de sonho pra colher verdade... e que um belo dia, em pé no alpendre, vai ver lá longe a cor da felicidade. Viver sem esperar é impossível - quem diz estar vivendo sem expectativas está cobrindo seu castelo de cimento com areia invisível.

WHITE DOVE

Aproveito-me da energia que vem com o poder de cada palavra e calo-me com consciência. Em certas ocasiões sou obrigada a ater-me em reverência ao que idealmente não me agradaria, movida pela fé que coloca todos os seres em seus devidos lugares, pré-purgação, pós-penitência. Por vezes uma única atitude condenável de um terceiro adoce meu casulo terreno, enegrece minhas energias vitais, turva minhas vistas com ira, fadiga e a mais pura e sincera desesperança. Sinto-me fraca demais para continuar a caminhada com a resignação que minha fé demanda, e ainda assim não deixam de chegar-me aos ouvidos conselhos e mensagens de força - respostas vindas de terras distantes, de noites frias.

Um dia desses, numa dessas conversas de fim de tarde, surgiu a danada dúvida cruel: digo, não digo ou desdigo o mal que já está quase feito? Antes que pudesse tomar partido, no entanto, saboreei uma porção de desencanto quando você disse o que não devia ser dito. O gosto daquela verdade feia aguçou os meus sentidos como fruta azeda a ferir-me o paladar e a doer-me os ouvidos; aquele pedaço de alma desalmada foi e voltou pela minha garganta um milhão de vezes sem que pudesse ser digerido. Não virou ferida, não - virou borboleta que saiu voando depressa pelo mundo afora, doida pra espalhar a notícia: segredos da alma fazem parte da vida, e certas coisas são tão erradas que precisam bater asas antes de virar palavra, para nunca serem ditas.

TRANCE

Sombra, névoa e solidão pairam por esses dias em que você é sem estar, um sentir sem tocar em nada. Dedos ávidos correm pelas teclas em busca do seu semblante pensativo, seu querer oprimido pelo sonho de realizar, de ser grande às custas de um bem maior. Somos espíritos livres que se procuram sem saber, e sem saber esperam pelo momento em que tudo fará sentido, como aquele abraço perdido no tempo e no espaço, borboletas pousando sobre cada sopro de vida e soprando energia pelo nosso *now and again*. Posso ouvi-lo no escuro, novas palavras a esquentarem meu corpo frio, amor que fala às paredes para manter-se aceso. Vá, minha bela estrela da noite, vá e brilhe como nunca por onde você passar, enquanto eu me esforço para encontrar no fundo da minha memória aquele seu sorriso aberto, jeito incerto de tirar meus pés do asfalto. Nos atropelos de todo dia grandes muros separam nossas realidades - mera formalidade para seres que, como eu, transitam entre a emoção e as mais belas possibilidades.

ALTO-MAR

Sentaram-se a sós no covil dos leões - o vento uivava indecências de todas as cores. A sede era desconfortável, a fome um pecado terrível; não havia mais tempo. Olharam-se nos olhos negros como a noite: eram duas cartas marcadas dentro de um baralho que flutuava em alto-mar, sem princípios, sem meios, sem olhar pra trás, sem destino certo. Decidiram secretamente pular as primeiras ondas de mãos dadas, mergulhar na água turva de instinto, palpitações e memórias... seria assim tão logo aquele instante se definisse, tão logo o presente se desfizesse. Espasmos de hesitação fizeram com que ele abrisse o último botão da camisa; ela suspirava enquanto sorvia com displicência outra Coca-Cola - pensares aturdidos por trovões e tempestades, corpos completamente entregues às cenas do capítulo que insistia em se aproximar com cuidado e resiliência. Ainda que não houvesse tempo, não havia pressa; ainda que houvesse medo, haveria paciência, essência das coisas que duram em dimensões para além de nossas vidas terrenas. Lançaram-se ao mar sem contar até três, corações fortes demais para sucumbir à correnteza.

ETIQUETA

Te vejo naufragando entre minhas lágrimas e meus sorrisos, lutando para ficar de pé sobre minhas decepções e certezas sempre incertas. Seu olhar cansado me enche de tristeza, luto antes da morte esperada. Do lado de cá, bradei, sofri, mas nunca parei pra pensar em como seria. E quando o dia chegar, o que vem a seguir? Cartões de obrigada pela visita, talvez um chá... nota de falecimento nas mídias públicas? E os cacos do que sobrou, para onde vão? Como é que se vira uma página tão pesada da história, como é que o livro se fecha? Ando a tatear esse novo mundo com pesar e sem nenhum senso de etiqueta - mas como diabos se aprende essas coisas afinal? Como se aprende tudo o que é necessário, ainda que difícil - com dor e dúvida, desassossego de quem vê a água encher o copo lá de dentro. Com medo, olhando pra trás a cada segundo à espera de um sinal, de um milagre, de uma exclamação ou um ponto final. E se... Por que não... Mas... Tarde demais? Quando essa porta se fechar, estarei muito fraca para pensar em reabri-la, coração calejado além da conta para acompanhar qualquer outra novela. Amigos? Ex-qualquer coisa? Futuros desconhecidos que tanto se conheceram... e em eventos sociais se cumprimentam com um meio sorriso e um aceno de cabeça, esbanjando a indiferença e o desconforto que vêm com as melhores maneiras.

ROMÂNTICOS ANÔNIMOS

Tudo bem, eu admito: sou fã incondicional do amor. Amo sentir frio na barriga, sonhar acordada, pensar se do outro lado da linha alguém mais pensa... e todas essas coisas idiotas que a gente adora, como me disse minha amiga Mandjuras. Amo surpresa, cartinha romântica, beijo demorado, abraço apertado, olhares furtivos, sorrisos involuntários e músicas que saem de dentro do chuveiro em dias especiais, dias como ontem, hoje ou amanhã, tardes que viram coleções de momentos fantásticos dentro da nossa imaginação. Ter um coração insaciável pode ser bem complicado, ainda mais quando se vive em pleno século XXI, no auge da superficialidade e da banalização das relações afetivas. A fila tem que andar, e a gente não tem nem o direito de chorar pelo que não deu certo porque são tantas as oportunidades, tantos os meios e além de tudo todo mundo hoje em dia é tão interessante que deixar de vender o peixe que você é acaba por te excluir de uma rede de partidos imperdíveis. Nunca fui muito boa com essas coisas que vêm antes do amor, essa autopromoção disfarçada acompanhada de estratégias de conquista pré-cozidas, e ainda assim acredito que quando alguns caminhos se cruzam, não há escapatória. Acho que ninguém deveria se privar de amar direito, de dar as cartas sem moderação e sem expectativas, sem medo de perder. Enquanto você espera, nem imagina o que espera por você...

KEROUAC

Ele me ensinou o querer da forma mais voraz porque assim também ele me quis; me moldou de acordo com seus desejos mais joviais. Dissemo-nos músicas inteiras, bradamos contos de livros diversos aos quatro ventos, devoramo-nos ao som de bons filmes e baboseiras sem sentido saídas de dentro da mesma televisão. Um dia divagou tranquilo sobre *On the road*, anos atrás. Não prestei muita atenção, ainda que ele tivesse me mostrado de relance uma coleção do Raul e outra do The Doors. Depois veio a matemática e molhou todos os discos de rock, as camisetas do Bob e aquelas fotos em que ele estava sempre tão bonito, talvez porque nem soubesse que um dia teria tanto a dizer. No amor penso que teve sorte: achava minha loucura engraçada, e me olhava como se cada pedacinho de mim fosse de chocolate - me sentia a Audrey Hepburn...

O mar estava bravo quando decidi ir à praia. Tirou os chinelos, a regata branca, olhou para os lados e caminhou vagaroso até a primeira onda. Pulou mais uma, outra, perdeu-se na água gelada. Deixou lá a falta de praticidade, a falta de tempo e o medo do escuro; voltou sereno, bronzeado, e arrisco-me a dizer que sorria. Tomou-me pelo braço e caminhamos juntos até uma livraria com cheiro de sol. Quero te dar um presente, ele disse, e me entregou em pouco tempo o primeiro livro que me daria: a biografia

de Jack Kerouac. Uma retrospectiva rápida passou pela minha cabeça - o manual de patifaria de Schopenhauer em cima da escrivaninha, Anos Loucos, as menções a Allen Ginsberg, O Lobo da Estepe - leia também Sidarta, você vai gostar - e eu com medo que ele lesse O Idiota. Ele sabia; viu a luz quando eu nem sabia que ela existia. Ele nunca conseguiu ser doce, jamais resignado, mas tinha ideais. Aceitei o presente como um convite a conhecer o seu mundo secreto, a mim novo e admirável. Passei a prestar mais atenção às minúcias de nossas conversas e percebi como elas eram interessantes. Iniciara um novo romance cheio de mistério e alegria, cheio de novas verdades a alimentar velhas expectativas. A admiração é a alma do negócio, lembro de ter pensado com meus botões.

Esses dias encontrei uma edição de bolso de *Brave New World* sobre meu criado. Retrospectiva: esse livro mudou a minha vida, ouvi ele dizer várias vezes. A nova cópia era para mim - apaixonei-me pela sábia sutileza. Ele passara por Kerouac e achava que havia saído ileso do outro lado da porta; precisava agora entendê-lo, e contava comigo para encher sua vida de outras certezas e descobertas. Entregou-me a chave de sua essência e deitou-se ao meu lado para dormir; de repente me emocionou toda aquela confiança. Vamos mudar o mundo!, me deu vontade de gritar bem alto. Apaguei a luz e virei pro outro lado. Abre caminho que eu vou logo atrás, *on the road*, meu coração bateu baixinho. Dormi em paz.

ON THE ROAD

Destino: Brasília. Expectativa: *well, well, well...* Visitas anteriores: mais que duas, menos que dez - contextos diversos. Finalidade: visitar a família. Finalidade semi-secreta: sair da minha vida e levar o corpo junto pra passear. Primeiro passo: comprar a passagem (créditos à minha amiga Marina, que mudou a minha vida com esse lema). Planejamento: *my plan's no plan, Sam.*

E foi assim que eu resolvi deixar a copa e tudo mais pra lá e passar quase um mês em Brasília. Meu primo e minha tia sempre convidavam, o tempo nunca deixava... e eis que eu resolvi - talvez pela primeira vez em sei lá quantos anos - matar meu tempo no peito, segurá-lo com as suas mãos e falar firme ao seu ouvido "campeão, agora quem manda sou eu". Nesse mesmo dia comprei a passagem; quase um mês depois, plantava-me à porta de casa com a velha malinha vermelha em punho; na outra mão, o telefone antenado ao Easy taxi. Catei meu Kerouac 3 em 1 e fui ao encontro de uma bela manhã cinzenta, sem saber ao certo o que esperar de meus próximos dias.

O trajeto foi solitário, saudável. Pude desfrutar da minha própria companhia pra variar. Sentada à janela, pensei nos motivos pelos quais algumas pessoas tinham medo de voar. Era uma coisa que eu realmente

não conseguia entender. Sempre achei incrível ver aquele pássaro gigante cheio de gente correr pista afora até levantar voo. Era um momento dos mais bonitos. A cidade ia aos poucos desaparecendo e dando lugar a outras cidades, que se estendiam em fileiras de luzes por entre as montanhas e os lagos, ao longo de matas e pradarias. Vinha-me à mente a extensão do meu país, com seus palácios e casebres espremidos no meio de tanta gente. Ri sozinha ao pensar nos colombianos que assaltaram pedestres em Belo Horizonte (pessoal, por favor parem de roubar nossos empregos) e concluí com certa tranquilidade que espaço, diversão e surpresa não faltariam aos visitantes de plantão.

Voltei a confabular sobre a questão de espaço ao pisar em Brasília. Puta merda - quanto espaço! Joguei as malas no carro da minha tia e fui comendo a cidade com os olhos. Gramados a perder de vista, castigados pelo sol e pelo tempo seco. Grama que não acabava mais; grama inabitada sem ser virgem... natureza que não tem cara de natureza. Mas o espaço entre as ruas, entre os prédios, entre os blocos trazia conforto, e o verde aumentava a sensação de liberdade. Vim a entender mais tarde o espaço entre as pessoas com um certo alívio. Em Brasília arranha-céus não são permitidos - hooray! Dá pra ver o céu de onde você estiver. Essa pequena descoberta me encheu de alegria, e passei muitos dias testando minha nova teoria. Faz bem pra alma sair de casa com qualquer roupa, pra qualquer lugar, sentindo o céu sobre a cabeça sem esperar nada de ninguém ou lugar algum, sem que esperem nada

de você. Ainda que porventura queiram saber quem você é, não faz diferença - você é só um forasteiro, alguém que tem um certo orgulho de não pertencer a esse novo lugar e nem ao lugar de onde saiu. Você é o que vê quando olha no espelho - alguém prestes a se reinventar, do jeito que for e sob qualquer circunstância.

Comecei a ler meu *On the road* em um banco de praça. Sim, passei muito tempo sozinha - a única pessoa de férias na cidade era eu. Essa é outra coisa muito legal sobre Brasília - você pode sair do apartamento e escolher qualquer rota, mas não demora muito até o próximo bar, banco, parque, salão. Tudo igual; tudo diferente. Não importava o que iria encontrar - decidi que meu livro caminharia comigo por cada uma daquelas ruas carentes de calor humano; em novas esquinas, travávamos as mais fascinantes conversações. Diferente de *Sal Paradise*, eu sorvia minha nova realidade com prazer e cautela - queria me curar, não me perder. Sentia os lábios queimarem ao sol e os cobria de água e óleo. Pescava minhas vontades pela boca com um cartão de débito - há muito não queria depender de ninguém. Sentada na grama de uma praça próxima, assistia tranquila ao vai e vem fluorescente dos corredores, suando a camisa em qualquer tempo com seu foco costumeiro. A saga de Kerouac ia mudando de cor sob os meus olhos, e eu só pensava que ele devia ter lido Dostoiévski na adolescência - e que Fiódor deveria ter escrito em suas capas "não tente isso em casa" como sinal de advertência.

COR DE BRISA

Silêncios rondam o quarto de dormir, adentram outros silêncios que não pertencem a ninguém. Ali já não mora viv'alma, não se contam os dias para qualquer grande descoberta - troca-se tempo por trabalho, segredo por pergunta, medo por ânsia de glória, sociedade por bicho, vício por negligência. Seguimos envoltos por promessas de novos ventos, rodeados de culpabilidade e falta de gentileza; a cabeça busca o travesseiro com pressa. É preciso esquecer todas as coisas que o dinheiro compra para que se possa sentir o frescor da brisa que vem com o que vale a pena. Talvez não seja mais tão interessante boiar em água morna. Cansaço... Os olhos se fecham com a luz ainda acesa; o peito suspira e fala sem dizer palavra.

BELLA

Querida Érika,

Hoje li uma mensagem sugerindo que eu escrevesse uma carta a você. Talvez eu já tenha feito isso algumas vezes, em primeira ou terceira pessoa, mas acho que não em forma de carta. Enfim... Quis te escrever porque por vezes percebo a sua confusão sempre que tenta entender o que foi que te trouxe, o que te leva e por que ser você, desse jeitinho mesmo. Você nasceu formiga em corpo de cigarra, cigarra com alma de formiga, capricorniana da gema. Trabalhar sempre foi uma prioridade, mas por dentro explodia aquela vontade de subir no palco, tomar posse do microfone e cantar pra uma ou outras pessoas, cantar de olhos fechados, cantar e fazer mil gestos do tamanho da sua alegria. Gostava de se ouvir soprosa, arranhada, sôfrega, visceral, antiprimorosa, contravirtuosa, na contramão da cigarrice integral. Pois que do lado esquerdo do peito bateu, bate e baterá seu coração de professora, de leoa, de existência mais macia do que dura, de gente que nem pensa em desagradar nem em parar de escrever, que ainda deseja uma coleção de abstrações piegas de tão importantes. Esse barco foi se moldando conforme as tempestades - a cigarra deu lugar à formiga assim que a escola acabou por pura necessidade. A formiga foi tomando forma mas as notas saíam sem querer.

De repente não era formiga nem cigarra - era dona de casa que não era sua, incompreendida, bicho doido que não cabe em coleira. O tempo passou e você serenou nessa vida de formiga que bota o coração pra bater forte de medo, êxtase, audácia e orgulho. Hora pra acordar, dormir, dinheiro contado, uma casa bonita que a cigarra visita batendo os chinelos velhos no chão com um ritmo quase ensaiado, nostalgia de quem queria ter mais fé e esperar pela sua hora de ver estrela. E de repente estão as duas ali, olhando uma pra outra com um quê de angústia; nessa hora sinto seu coração doer e fico querendo que você entenda uma coisa só: você canta e trabalha, você sorri e pensa, você se quer bem e tem a classe que bloqueia a vileza, a baixeza e a injustiça. Você sente correr nas veias aquela mistura quente, humana e se arrepia toda, sem entender que é ela quem revela tudo o que há aí dentro de mais genuíno, raro, precioso.

Que o bem sempre te habite, que os céus te guardem, que a coragem e a sorte te guiem. Eu acredito em você.

Paz...

Érika

CORAGEM

Já tive mais medo da morte, já vivi com mais receio. O medo de envelhecer não chega nunca; pelo contrário, envelhecer me envaidece, me entusiasma. Ainda tem sido difícil dizer alguns não *face-to-face*, mas não é o medo que poda a minha crista. Penso comigo que talvez seja o chato da situação. Vivo como os outros, rio, choro, respiro, mas ao olhar para dentro, sinto os hematomas da alma a me franzirem a testa - sei que ainda me falta coragem. Ainda que eu mire o sol de olhos abertos, ainda que eu pule do lugar mais alto, ainda que eu escreva o que penso e pense que talvez ainda queiram que eu pague por isso, falta coragem de fazer alguma coisa, qualquer uma... que não me machuque.

POSSA

Eu não posso ser você amanhã porque cada um tem as suas histórias. Também não posso pensar que teria sido diferente porque o mundo deu tantas voltas e cá estou, em pé sobre uma esquina da vida, uma das tantas. Não posso pensar em deixar você escolher o que seria melhor, porque é o mínimo que eu preciso saber... Não posso sair por aí pregando sobre o que será porque enquanto isso o tempo está passando e as coisinhas boas de toda hora estão perdendo seu ar de delícia. Não posso permitir que isso aconteça! Como já dizia Guimarães Rosa, "felicidade se acha é em horinhas de descuido" - não posso fingir que isso não faz diferença...

BEM LEVE

Quero menos. Quero mais. Quero o que der pra levar dessa vida nessa mala: leve, leve... leve. Quero que eu levite, que você levante, que levemos o bom, que bons ventos nos levem, que leve o melhor em mim, que não me leve assim - quero que o amor me leve. Não me leve a mal! *All I need...* é uma levada mais leve que a de costume.

PESO DE OURO

A gente precisa se dar o devido respeito. Precisa entender que algumas coisas não podem nos acontecer porque a gente não pode deixar. Quem nos diz o quanto valem os nós, cada vez que sorrimos ou fazemos alguém sorrir, cada vez que ajudamos ao mesmo tempo em que somos ajudados, acolhidos, acarinhados por palavras amigas, abraços apertados e energias positivas. Quem se respeita não deve ter medo de nada. Deve esperar por um assóvio do céu pra mostrar a que veio, alada ao amor que recebe.

**MANTRA PARA ALÍVIO IMEDIATO DE PALPITAÇÕES, ANGÚSTIA, DESATAMENTO DE NÓS E
LIBERTAÇÃO DO ELFO SUPREMO INTERIOR**

FODA-SE.

LADO C

Hoje a gente podia brincar de ser menos previsível. Deixar o alterego tomar conta logo de manhã, ir ao supermercado de pijamas por pura preguiça de trocar de roupa. Ligar praquela pessoa que não te liga por orgulho e dizer pra ela te esquecer, falar com aquele tipo que colocou até a família no meio pra te dispensar que isso jamais teria sido necessário se ele entendesse o significado de *one night stand*. Mandar aquele cara chato que vive dando um jeito de dar em cima de você queimar no inferno, chupar uma bala que deixa a boca azul e cantar Raul no chuveiro, numa altura perigosa... Dizer praquele puxa-saco invejoso "Your friendship is no longer required", ser meiga com quem nunca achou que você poderia ser meiga, ser estranha com quem sempre achou que você era uma simpatia, falar com quem espera que você seja sociável que essa palavra não faz parte do seu vocabulário, contar praquela menina boazinha demais que você está cansado de saber que os bonzinhos demais são os piores! Ontem vi num filme um cara que perde a mulher da vida dele por um visível, claro e evidente medo de se envolver, e que depois se explica da seguinte forma: é preferível manter uma pessoa muito importante a uma certa distância, para não se machucar tanto quando ela for embora. É realmente invejável a arte de inventar as mais nobres e dignas desculpas pra justificar seu próprio fracasso como ser humano. E insuportavelmente previsível. Hoje a gente podia brincar de ser alguém que nem a gente

mesmo conhece - só hoje. Pode incomodar, mas saia da bolha por um momento. Passe o dia todo tomando suco de tomate com molho inglês, pense em como o seu cabelo pode ser bem mais interessante. Coma uma coisa diferente com cara boa, visite uma ecovila, fique em pé debaixo de uma cachoeira bem gelada, corra até perder o ar, leve a um asilo histórias pra passear e faça a garotada feliz. Dê um abraço forte, fale um palavrão horrível se olhando no espelho e morra de rir. Depois chore de propósito. Tem sempre pelo menos duas figuras dentro da gente: uma fofa e socialmente aceitável; e uma loucaça, pronta pra explodir de desejo, de fúria, de tristeza, de ânsia, de tédio, de animação, de surpresa. Em outras palavras: uma boa... e uma melhor ainda! Pense nisso... Desejo um dia muito louco pra você.

THE NIGHT

Não sei se por teimosia ou medo do escuro. Talvez pelo frescor do silêncio trazendo pra perto o mais simples barulhinho, ou pela calma que toma meus pulmões nos braços - eis enfim o término de mais uma batalha sem mortos ou feridos. Enfim um pedaço de um momento sem pessoa alguma. Aqui a luz está acesa, mas lá fora tudo mais adormece com ou sem calma, com ou sem remorso, problema respiratório, zumzum no ouvido, preguiça, esperança... volúpia. Meu corpo se entrega, cansado, ao sofá surrado com cheiro de sonho antigo. Não me abrace assim, seu sofá, eu peço porque já não sei o que pedir. Minhas sapatilhas me olham com suas fitas de cetim - querem que eu vá já para a cama: amanhã preciso estar em minha melhor forma para pegar de vez a coreografia. Arquivos em pdf piscam enquanto a tela preta suga meus dizeres mais secretos. Acho que preciso organizar minhas prioridades. O vento sopra fresco e devagar me desperta. Se não fosse perigoso sairia agora para uma longa caminhada... um cachorro realmente faz falta. Quero também um jardim, cores e uma meia dúzia de sonhos possíveis. Onde é que eu aperto? Onde é que eu assino? Posso pagar com cartão?

Va bene, eu me rendo. Hora de dormir como as pessoas que acordam com os passarinhos.

SubstanDIVA

Curioso pensar que fiz terapia minha vida inteira pra tentar me convencer de que sou uma pessoa boa. Esses tais defeitos trucando coerentes julgamentos... Uma vez fui chamada de inofensiva. Até hoje me vejo às voltas com esse adjetivo! É fato que não causo ofensa ou mal aos outros (pelo menos não deliberadamente), mas (será que sou só eu? Pensem aí vocês:) essa palavra me dá um certo desconforto porque me passa a impressão de submissão, de passividade. Minha tranquilidade foi muitas vezes confundida com uma submissividade (submissão + passividade) que não me habita, não me pertence e definitivamente não me representa. Outro dia, durante uma constelação, precipitei-me a responder "quem é você?" com adjetivos - e descobri que a nossa raiz é, de fato, substantiva. Sou filha de alguém, neta de alguém, bisneta de alguém. Sou parte de uma engrenagem que vem girando muito antes de eu entender que precisava nascer e honrar essas pessoas que me abriram o caminho pra crescer na dor e na luta. Não me disseram que seria fácil ou que eu teria que suportar isso ou aquilo. Suportar não me cabe - entala no quadril, aperta o joanete. Suportar não me atende. Em sincerês trivial: tenho vergonha do que já suportei, do que já me permiti viver, e me invade um incômodo pesaroso cada vez em que penso no que já ouvi, no que deixei acontecer. Engoli o antinatural como alguém sem referência, sem essência de lutadora, vencedora, doadora de boas energias e suaves memórias. Carrego no sangue a escaldante fervura de

mulheres à frente de seu tempo que desconhecem suas sete léguas de vantagem. Corro na contramão do improvável procurando pouso, cansada de arremessos, tropeços, contínuos e incansáveis recomeços.

Se chama de dentro, procura sua essência de óculos até encontrar. Olha bem...até se enxergar substantiva aumentativa singular.

MOVEDIÇA

Mas afinal, o que é que te move? Os louros a colher com uma infância sofrida? A esperança vendida em instituições pseudo-religiosas? O conforto interior de uma vida sem limites? O (des) amor de seus pais? Um gato pingado ou um pingo largado na folha do seu caderno? Vontade de não saber pra nunca sofrer por saber demais. Não pense nisso. "Não analisa, não"¹, que enquanto você analisa o mundo gira e você fica pra trás, pensando a vida inteira sem produzir coisa alguma. Leia mais - saia da inércia: em nome de todos os santos faça alguma coisa boa sem que algo ou alguém apareça. O que te move no final não interessa... desde que você se mova.

¹ Fernando Sabino, *Encontro marcado*.

NIGHT GOWN

É, e eu não me canso, não é mesmo? Talvez por estar tão cansada de tanta coisa ao mesmo tempo. Quanta intensidade, meu Deus! A gente sabe que o cansaço é passageiro, que a própria vida passa rápido e às vezes bate uma vontade de rir e brincar e acreditar que nosso universo particular nos quer bem e em paz... Lembro-me de quando contava estrelas debaixo do céu que era teto da rodoviária velha, deitada sobre os paralelepípedos, olhos brilhantes de cachaça, desfrutando essa embriaguez democrática que me corava as bochechas, amolecia as pernas. Contava estrelas sem pular as pequenas, sem pesar as grandes, sem pensar por um segundo sequer no capítulo que me esperava ao sair daquele transe. Contava era grãos de sorte pelo jardim da noite, lívida ao vê-los se desgarrarem do mural celeste para pousarem ressabiados sobre a minha face, braços e pernas e olhos e peitos fartos de coragem... Em meus pés desenhavam asas, contavam histórias para as palmas das minhas mãos. O que se seguia a esses instantes não mora mais aqui dentro. A sina de ser envolvida pelo perfume das damas da noite que abraçavam a praça, no entanto, volta e meia me sussurra ao pé do ouvido que VALEU A PENA deve ser sempre combustível para os nossos sonhos.

INEFÁVEL

Hoje os mundos se encontram, as palavras se perdem.

Quando te conheci senti uma coisa doida, quase que como tudo na vida. Falei por nós dois, e um belo dia me veio à cabeça que você não ter me dito nada fez toda a diferença. O vento sopra suave, o calor é intenso, e nessa alegria abafada eu te procuro, te imagino. Penso no seu sorriso, na sua saúde, na sua tentativa de viver acuado, sufocado por desejos que na verdade, na verdade mesmo, nunca foram seus. Te penso, sem me dar conta te desejo muitíssimo por tantos infindáveis momentos... Dessa forma te alcanço. Recupero as formas do seu andar, as cores do seu abraço. Enxergo com toda clareza a intensidade do seu sono. Quisera Deus que fosse eu, quisera eu que na placidez desse dia morno te deixasse ir, com juízo, com cuidado, para algum lugar que te faça feliz... Talvez outro dia, mas não hoje. Hoje estamos conectados; é mais um daqueles dias em que você parece estar aqui. Amanhã certamente será diferente - energia nova, grandes expectativas. Amanhã faremos os dois outras coisas, ocuparemos nosso pensamento com outras pessoas, participaremos de outras ocasiões. Iremos à luta com unhas e dentes, amaremos estarmos vivos, sentiremos o clima da estação na pele fina do rosto. Amanhã não farei parte do seu capítulo, nem em sonho, mas hoje... Hoje eu mais uma vez me repito quando digo que o tempo parou de passar. Não há porque chorar ou se divertir. É quase tão louco quanto tudo na vida ser invadida por essa esperança

involuntária. Hoje o episódio não conta - estamos de férias dessa paródia malcontada que é a nossa vida. Pra onde quer que o planeta gire, hoje os mundos se encontraram e as palavras se perderam. Até amanhã...

CAMINHADA

Um dia eu sonhei em casar. Imaginava meu vestido, o lugar, as pessoas, a nossa casa, a lua-de-mel, sentava e ficava sonhando acordada com os votos, os filhos, as viagens... você não. Já foi de cara informando que nunca iria se casar, que era um solteiro convicto, que essa coisa de casamento não era definitivamente pra você. Murchei e resolvi viver um dia depois do outro, porque tinha certeza que poderia passar a vida inteira do seu lado, olhando pros seus olhos azuis e ouvindo sua vozinha macia. Eu pensava em você todo o tempo, mas sentia que a certeza era só minha. Você carregava suas dúvidas no celular, dentro dos bolsos, em caixas escondidas pelo quarto, no computador. Você olhava pra rua e via possibilidades - eu via você. Eu queria procurar apartamento, você queria viajar pra Europa. O tempo foi passando e eu fui pra Europa enquanto você procurava apartamento. Eu olhava pra rua e via possibilidades; você olhava pro telefone, pro computador, e esperava notícias. Meu coração batia de felicidade - o seu parou de tristeza. O tempo passou e um dia você teve certeza. Você quis se casar, imaginou nossos filhos, nossa casa, nossas viagens de fim de ano, nossos programas de fim de semana. Eu já não sabia mais. Meus sonhos se tornaram diferentes, e pensei que o mundo é grande demais, e que eu sou nova demais e que... Veio a tempestade, forte, implacável, parecia que não ia parar de chover. Choveu tanto que eu parei de ver, e não conseguia enxergar pra onde deveria ir ou o que fazer.

Disse não, mas você queria o sim. Bati a cabeça por aí e você cuidou dos meus galos. Te feri e você me amou, fechei a porta e você esperou. Esperou. Esperou. Voltei, abri a porta e você ainda estava lá, mas tinha uma coisa estranha. Você estava mais bonito do que nunca, mais alto, mais forte, mais sereno, mais brilhante, mais saudável, mais decidido. Me apaixonei por você. À milésima vista. Quis o improvável: começar do zero com um cara que conhecia há anos. Não pensei se iria ser bom, se iria ser fácil, se iria ser isso. Não pensei em nada, só em você. E vi que você só pensava em mim. Foi assim que parei o tempo e decidi começar do meio – nadei de braçada em nossa jornada sem destino certo.

КНИГИ

Libri, libros, bücher, books, livres... Ontem li um texto sobre as transformações que a leitura exerce na vida das pessoas. O primeiro a me impressionar foi Rubem Fonseca. Feliz ano novo. Um choque, um incômodo que fica. Quis ler mais. Vastas emoções e pensamentos imperfeitos me conquistou pelo título. Ela e outras mulheres, coletânea de contos. Quando minha concepção de literatura já estava irremediavelmente atrelada ao perverso, li Oscar Wilde e Dostoiévski. Luxúria e culpa - isso sim dá uma boa novela... A superficialidade dos valores ingleses, a revolução dos russos sem rublos - as duas histórias me transformaram. Ainda li um livro de contos pseudoinfantis do Wilde, selvagem em seu sarcasmo, certo em sua pontaria: incrível. The happy prince - de feliz só tem o nome. Dostoiévski me deu sede, angústia. Naquele emaranhado de personagens construídos há quase dois séculos encontrei-me de pé, febril, olhos brilhantes ao longe. Li muito do que ele escreveu, e me alegra que ele tenha escrito tanto. Vejo-me refletida em cada um de seus desatinos, em todos os seus exageros. Iniciei-me no universo de Dostoiévski com Raskólnikov; por algum tempo o ímpeto de transgressão e a busca pela culpa me impregnaram. Precisava de mais. Os Irmãos Karamazov. Dimítri me tocou - mergulhado no impulso, tropeçando em seus próprios passos tão resolutos quanto perdidos. Com O Jogador, aceitei minha natureza corrompida como uma virtude. O Idiota me fez entender que muita bondade é

mesmo loucura - doçura mata. Tentei arrancar de mim tudo que lembrava o príncipe Míchkin, mas talvez não fosse o mais inteligente. Passei pela aldeia de Stiepantchikov, e me diverti com seus habitantes não menos patéticos que nós mesmos. Degustei o paradoxo do homem do subsolo como prato principal - condição *sine qua non* de nossa existência. O último a me transformar foi Noites Brancas, um conto meigo em sua amargura, uma nuvem fina de previsibilidade romântica, um balde de água fria atemporal. Tempos depois, em uma prateleira empoeirada, ao acaso, encontrei Flaubert. Não sei se por tê-lo lido em outra língua, não sei se por sorvê-lo diariamente em locais de beleza pastel, entrei pela história adentro e não soube o que fazer quando ela terminou. Não senti pena, não fui solidária; vivi as escolhas de Madame Bovary junto a ela, sem dor e sem culpa. Tão impactante foi essa comunhão que temo não mais conseguir estabelecê-la com livro algum. É um preço justo.

ALIASAS

Passei os últimos dias pensando em alguma coisa bonita pra escrever... mas não me vinha. Nada de palavra que fosse só minha, nada de mantra, tantra ou esperança florida. Parei de sentir. Parei de querer. Devagar fui entender que no meu tempo não há espaço pra drama, trama de novela - e fui agradecer porque lá fora ninguém deseja que haja. Não há sequer um grama de tristeza nessa descoberta: me encontrei pequena-grande no alpendre daquela casinha... querendo ser eu, sozinha, sem sombra de desconforto, sem tromba d'água, sem chuva. Caí em mim como uma luva e soube que não era egoísta nem narcisista me amar assim desse jeito em que eu me aceito, me guio, faço promessas sem fim pra viver sem pressa, pra ter apreço por quem me interessa e pra ser sem estar lá - pra deixar uma doce lembrança no sofá, na cozinha, na grama da praça enquanto acho graça em um filme que passa do outro lado da cidade tão minha, curtindo a minha própria companhia sem me expor, sem doer, sem pensar no que eu fiz ou deixei de fazer, sem tentar compreender por que é que eu olho pra você e não sinto nada além de uma vontade enorme de não voltar, de deitar na areia da praia e ouvir o barulho do mar e não ter hora pra sair nem dia pra chegar. Subo em meu barco pequeno demais pra nós dois e navego em minha própria vida e me sinto querida mas sobretudo desejada, e deixo toda essa saliva se afogar em conversa fiada enquanto espero pelo próximo momento em que eu me farei

feliz ao perceber que por um triz minha resignação daria espaço à vontade de, como todo mundo, ter um coração. Ele não vai bater se você passar, azar... não sinto nada. Nem fome de cheiro, nem sede de gosto, nem vontade de esperar. Não há fruta mais macia que sorriso na boca e cabeça vazia, suspira de alívio meu paladar.

PEIXE FORA D'ÁGUA

Quando ninguém mais conseguir te dizer o que fazer,
quando seus miolos tiverem virado churrasco;
quando não houver mais gente pra você culpar;
quando aqueles pensamentos de chutar o balde e ir
pra Bahia começarem a aparecer mais que ocasionalmente;
quando você pensar que sua vida sem alguém é caótica;
quando concluir que tudo o que você quer é brincar de casinha
e guardar tudo dentro da sacola ao final do dia;
quando você descobrir que o capitalismo é uma merda
e que nem por isso morar no mato ou em Cuba vai ser melhor;
quando chegar aquele dia em que você olha pra trás
e vê que não fez absolutamente nada do qual se orgulhe
que você se sente meio ultrapassado e é isso mesmo
quando você não se achar mais tão bonito
e perceber que não tem nada mais pra dizer...

Escreva um livro contando como contornou essa situação e me conte o mais rápido, para que eu possa devorá-lo com farinha, feijão e um pouquinho de expectativa.

MATAS

Querido Matas,

Hoje acordei com vontade de te escrever essa carta e te contar tudo o que se passou nesses últimos 24 anos. Pode parecer muito tempo, mas quando fecho os olhos me vêm à mente com facilidade sua juba de leão manso, sua barbicha ruiva, a corrente pendurada na calça pra dentro do botinão preto e aquela risada inconfundível. Éramos uma dupla inseparável de fazer inveja ao Batman-Robin *duo*. Lembro dos nossos papos a la Beavis and Butt-Head, da gente conversando com o Taroba no McDonalds (agora ele é o Matéria Prima, Matas, não sei se você sabe - um músico mega talentoso que eu tive o prazer de conhecer melhor) ou esperando na porta do Dunkin' Donuts no primeiro dia de funcionamento (e eu, aquela lombriga ambulante, já desesperada pra dar a largada só porque você passou dias me falando do sonho que era o donut de creme amarelo). Lembro da gente loricando sanduíches e batatas e cocas de uma vez. Lembra do bar do João? Hoje o João é casado e tem cabelo branco - o resto é exatamente a mesma coisa. Lembra do Dom Manuel? A gente tomava umas pingas com as moedas que sobravam do almoço - um dia você disse que suspeitava que eles colocavam álcool de cozinha pra gente beber de tão punk que era, hahahaha - só pros fortes! Lembro do seu super apartamento delicioso na rua Alumínio, onde a gente aprontou tanta coisa legal - da chapação com

gelatina de cachaça ao macarrão que você fez pra gente levar pra feira dos países na escola, lembra disso? Lembro da gente no show de talentos - eu de Pantera Cor-de-Rosa da cabeça aos pés cantando Kid Abelha e Marisa Monte enquanto você arregaçava com Creep - ficou todo mundo meio atônito com a sua performance, e depois eu entendi que aquele pessoal não tava muito preparado praquilo, não - nem pra nós... Achava que a gente não se encaixava, mas na verdade eles é que não se encaixavam na nossa vida, né? Talvez por isso eu tenha demorado mais a entender que a gente foi bem fiel aos nossos miolos desmiolados e por isso fomos felizes ao nosso jeito. Lembra da formatura? Lembro da gente naquela mesa enorme do Catarina lá pelas tantas, você fumando charuto e a gente falando bobagem e rindo de qualquer besteira, porque era sempre assim, sempre divertido demais. Eu, você, Márcia e Rafa: o quarteto fantástico que me tirou do transe de que eu tinha que ser igual aos outros, quando na verdade éramos tão certos entre nós, tão autênticos e livres. Tempos depois te encontrei com minha roupinha de bailarina descendo a Vitória Marçola e você me convidou pra comer uma pizza com você e sua família no Pizza Sur. Fiquei tão extasiada quando te vi que acabei aceitando, mas você tava diferente... Trocamos telefone mas não nos ligamos. Não nos ligamos. Em 2007 fui a uma festa de 10 anos de formados do Santo Antônio – fiquei imaginando como seria se você estivesse lá. A parte boa dessa presepada foi ter conseguido falar pro Tom Zé que a física acabou não fazendo diferença alguma na minha vida porque eu fiz Letras. Queria muito contar pra ele que hoje sou professora da UFMG, que

amo o que eu faço e amo meus alunos, e que me empenho pra fazer cada um deles acreditar que pode ser e aprender o que quiser. Essas pessoas ficaram pra trás, Matas, assim como tantas outras ao longo do caminho... Muita gente teve sua contribuição nesse livro chamado *Eu tentando ser feliz nesse mundo*, de uma maneira ou de outra. Hoje acordei querendo te contar que me deu saudade do meu amigo Matas, Matatas, Matias Carneiro Proietti, jovenzinho incomum, meu *teen-brother-friend* com quem dividi altas risadas sinceras, histórias várias... momentos reais.

Brigada, Matas. Espero que você esteja bem, feliz, fazendo o que gosta, rodeado de boas companhias, vinho do bom e ótimas histórias.

Um beijo saudoso da sua amiga,

Geminha

BONITO

Vem.

Tô cheia de trabalho, sério.

Fiz legumes cozidos.

Hum... Não vale!

Acho que você devia vir...

Queria muito, de verdade.

Mas...

É, bom e velho mas. Fica pra uma outra vez.

Aqui... Só mais uma coisa.

Fala.

Fechei os olhos e vi a gente caminhando junto.

...

Pela vida, sabe? De mãos dadas...

E o que você achou?

Achei bonito.

AGORA

Ele disse que estava atrasado, mas eu já nem sabia qual seria a hora certa. Vagava entorpecida por noites alheias, desfrutava dos silêncios e vícios de todas as mesas como se fossem meus. Ele dissera agora uma hora atrás, e eu ziguezagueava para pular os quens e porquês, meus poros transpirando impaciência. Pensava na praia, na areia, na garota bonita estendida e acarinhada pelo sol, na viagem para a Europa. Tudo tem um preço; agora ele sabia, e eu engolia a seco o prazer da descoberta. Senti que pela primeira vez sorvia mais que um pedaço de brisa, e amaldiçoei secretamente meu medo da indiferença. Ele viria, agora sim, com cheiros de flor e palavras de afeto. Desesperadamente. Finalmente. Sim... Ao seu devido tempo, tudo enfim aconteceria. Mas o tempo é assim: leva você e se esquece de mim, cria verdades que correm enquanto outras andam devagar. Não posso dizer que esperei porque as horas passaram, os dias se perderam. Quis apenas que aquele hoje não viesse, que o amanhã não chegasse mais. Depois de tantos passos, senti num dia de sorte a necessidade de olhar para trás, procurar aquele agora de antes. Fui encontrá-lo sozinho às seis da manhã, rodeado de belas palavras que nada diriam. Brindava à sabedoria.

NADA

Hoje cheguei em casa pensando em você. Meio estranho. Olhei ao redor e me veio à cabeça tudo o que já te dei e você perdeu. Fotos na parede, no porta-retratos da sala principal que passaram ao outro quarto e depois foram jogadas fora – roupas, gavetas, chave de casa. Pensei na proposta cruel que você se fez e que tanto se assemelha a uma hora de natação: competir consigo mesmo, ser melhor que ontem, pior que amanhã. Um saco isso de estar na posição de quem tem que virar o jogo, e me vejo como uma espectadora que te observa nadar e beber água, nadar e dizer que vai bater o próprio recorde, nadar e se deixar afogar só pra não ter que nadar mais. Só por hoje. Só mais uma vez. Só... Pensei na árvore frondosa que plantei na esquina da sua vida e que foi, às vezes aos poucos e às vezes de uma vez, dando as folhas ao azar, ao egoísmo, à incerteza, à ironia, à raiva. O que restou não tampa o sol forte que nos faz olhar pequeno e querer procurar uma sombra pra descansar. Pra descansar. Meu cansaço me angustia. Minha angústia me paralisa. Quero vender tudo e ir pra Itália, ir pra Brasília, ir pra longe dessa bagunça tão solitária. Naquele exercício do teatro de fechar os olhos e se deixar cair nos braços de alguém, naquele exercício de confiança, caí no chão e fiquei insegura, dura, peito contraído, cheio de caroço ao redor do coração. Câncer é doença da alma, sabia? Minha alma fica embolada, doída dentro desse corpo que prioriza o dinheiro ao alimento, ao repouso. Onde é que eu

estou nessa nossa equação que não se equaliza, nesse balé desencontrado em que cada um vai pra um lado e insiste em dar a mão? Não sei o que você quer de mim, mas em mim tudo dói, dentro e fora. Tá tudo errado aqui dentro também. Olho pros lados e não sei o que fazer. Coloco os dedos longos dentro dos meus pequenos bolsos e penso que nem um filho eu pude ter. Vontade de chorar até e mandar todo o resto à merda. Hoje foi pesado, amanhã acordo cedo. É assim que acabam minhas reflexões.

INSTAGRAMMABLE

"Io guardo tutto con un pò di miopia
per dare spazio alla fantasia" (Brusco)

Não me lembro de em qualquer tempo ter sido assolada por tantas perguntas. E se, mas como, por que, será, quando é que, aonde... e o tal do amanhã, sem forma concreta, invade o meu hoje e me impede de viver como dizem que é melhor - com tranquilidade. Não adianta nada se preocupar, você vem logo me dizer. Mas a preocupação é como o amor - não tem muita razão de ser (a própria razão os jogaria pra escanteio *anyway*). Não é bom, não é saudável, não é possível... e lá estamos nós, apaixonados por aquele novo dilema, por aquele cara que acha que quis e que a gente não quer mais. Vivo em um mundo que prega o altruísmo, a sinceridade, a força e a gentileza... tudo isso atrelado à supremacia dos dogmas da igreja, com o único objetivo de gerar a máxima culpa em quem falhar durante o percurso individual de engrandecimento. Nunca senti tanta culpa quanto no momento em que decidi me conhecer sem mas ou porquês. À medida em que as falhas iam surgindo, encabuladas e aflitas numa fila indiana a perder de vista, percebi que DEFINITIVAMENTE não somos preparados para aceitarmos nossas fraquezas. Se de um lado os *bestsellers* de autoajuda encham os bolsos daqueles que fingem lidar melhor com suas tragédias

personais, de outro a ideologia social de massa insiste em considerar a mediocridade um triunfo. Vidas de plástico ou viralatas de vanguarda? Cheguei a um ponto em que não sei mais no que ou em quem eu acredito. Tanto fiz e você tanto fez que agora tanto faz... Vejo essas pessoas plugadas no *myself-mode* e sinto como se todo mundo estivesse na contramão de si mesmo... Desilusão ou insensatez? Recentemente tirei minha bicicleta velha da memória e fui percorrer com ela algumas ruas da vida. Fiquei tonta, aturdida... e entendi que essa coisa de ser livre e desimpedida é uma arte, é quase um dom, é tarefa árdua demais - coisa pra uma outra vez.

O CONTO DO SENHOR PERFEITO

Como é agradável ter um príncipe encantado de plantão
que mora na segunda porta à esquerda da sua imaginação...
Quando tudo anda errado ele risca um fósforo
dentro do quatinho onde você guardou toda a sua desilusão
e te sorri.

Ele está ali, é o que importa.

Quando a preocupação te bate à porta,
Ele diz “não se preocupe, estou aqui”.

Essa felicidade gratuita te cobre, te envolve, até o momento em que a vontade inunda a sua casa e te faz sair. Decidida, você anda pelas ruas frias do passado, que nada lhe diz. Sobe os morros obscuros do presente e em nada acredita. Cansada e confusa, paga grandes quantias para que um desconhecido lhe teça um tapete de pétalas coloridas do tamanho da sua necessidade de ver o final do arco-íris. Você então ergue a cabeça e tem a certeza que a felicidade está logo ali, suave e bonita.

Eis que no meio desse caminho reto, brilhante de tão certo, há uma árvore tão bela, tão frondosa, que aninhar-se em seus galhos torna-se inevitável. Você se aproxima, extasiada, e de repente percebe que, por detrás da árvore, alguém faz e acontece pra chamar-te a atenção. Apreensiva, você observa; curiosa, você espreita. Brillham-lhe os olhos ao olhar o amigo - você entra na brincadeira e aceita jogar um jogo sem muito sentido, já que todos ganham no final. Mas e o príncipe encantado? Ele vai estar sempre lá, calmo, resignado, parado em frente à segunda porta à esquerda da sua imaginação. E quando tudo andar errado, ele acordará de repente, e vestido de azul, riscará um fósforo dentro do seu coração.

DEZ MINUTOS

O que dá pra escrever em dez minutos? Talvez alguma impressão sobre o que me intriga mais... É só parar o relógio por uns momentos pra lembrar que tenho me sentido estranha, confusa até, querendo ser uma coisa só, engolir minhas preocupações com farinha, não pensar em nada, ir vivendo mesmo, correndo, comendo, fazendo o que eu acho certo e me convencendo de que a vileza alheia é exatamente o que é: alheia. Em dez minutos piso no chão quente da praia, sonho que corro sem cansar pela areia fofa e fico ansiando por mais um pouco, e peço a Deus que por favor me leve pra pescar num lago que tenha peixes e jogue a rede por mim. Em dez minutos eu tomo banho e choro baixinho sem saber sabendo de onde vem esse quê de desespero com cara de desesperança; desejo em silêncio que as pessoas boas tenham uma vida boa, que as ruins aprendam a viver direito, que as fracas queiram com todas as forças resistir às fraquezas terrenas - que a nossa carne seja nobre de tão forte, que o nosso espírito tome a frente do que nos resta e, como o doce Falkor¹, irrompa pelas nuvens da superficialidade que assola nosso tempo e me convença a confiar em gente grande, a acreditar que há outros como eu, que veem o que é bonito sem se limitarem a olhar, que aprenderam a apreciar a própria companhia, que respeitam o outro porque sabem se respeitar, que comemoram cada nascer do dia, que caem sempre mas dificilmente no mesmo lugar. Em

¹ Dragão da Sorte, *A história sem fim*.

dez minutos eu passo os olhos por esse grande livro de memórias com nome difícil e percorro as tantas ruas da minha vida, hoje vazias. Novas ruas se estendem sob meus pés descalços e eu fico aqui pensando que em dez minutos daria pra chegar esbaforida àquela praça, dizer eu te amo e parar de ouvir o rádio, o som do motor... pousar o corpo em seu coração falante até o medo se dissolver na respiração - sobre a cabeça luz, paz e o canto dos passarinhos.

TWINKLED

E lá vem me encher a cabeça a tal diferença entre fazer e realizar. Junto com ela caminha o medo de o mundo se acabar sem aviso e eu não saber se é aqui onde eu deveria estar. Ah, a doce arte de começar... e aos poucos revelar pequenas importâncias, verdades inofensivas a adentrarem brilhantes por sua porta entreaberta. Com um pouco de pudor você vai ver quem é que canta do lado de fora e estende metade do seu corpo em direção à praia deserta. Avisto ao longe conchas de todos os tamanhos e todas as cores sobre a areia branca e com elas visto meus cabelos recém-preparados na maior falta de pressa. Sem lenço ou perfume, o corpo ganha uma nova dimensão na imensidão do universo - de repente somos fortes, e essa grandeza nos enche de coragem. Bravura e clareza nos rondam com calma, aquela calma boa de quem não espera. Quando eu era pequena gostava de contar estrela e escrever novelas semanais sobre meus colegas. Não era por nada, não; só vontade de sonhar de noite e sorrir de dia... de abrir a porta e sentar no sofá e inventar minhas próprias novidades. Meu pai explicava que estrela era coisa de outro planeta; minha mãe dizia que eram almas voluntárias com a tarefa de um dia enfeitarem o céu. Ficava bêbada sempre que olhava pra cima - tonta de tanto achar beleza naquelas luzes que acendiam por vontade própria, só porque brilhar pra elas era tão natural. E depois disso não quis entender mais nada, não - pus o coração na frente e saí por aí cruzando campos

coloridos, floridos até nos espinhos. Engraçado pensar assim, mas tenho pra mim que meu peito virou meu escudo. Ainda agora a cabeça volta no tempo e eu me vejo em mais uma escola nova, desenvoltura por conta de outros sorrisos, olhos brilhantes a esperarem pelo próximo capítulo da saga que em pouco tempo encheria a sala de redação. Mar de pura poesia soprou sua brisa de alegria tranquila e banhou meu corpo de paz, calor e sorte, sentimento forte que devagar vem plantando estrelas pelos meus dias, brilhantes como chuva de prata em tardes de verão.

AA

Hoje faz três anos, quatro meses, doze dias, duas horas e seis minutos que eu não penso em você.

ROWING

Quem já amou uma vez fica com aquele amor no coração sem sombra de outra possibilidade. Compara, se abala e não vê a verdadeira verdade. Pelo tempo que for, do jeito que tiver que ser, conscientemente ou não, quem já amou dá voltas e voltas pelo salão em busca de alguém melhor, sem ver no novo uma oportunidade. Quem já amou tem medo do diferente, e faz de conta que não sente o coração descongelar lá dentro do peito com um sorriso, uma palavra amiga, um gosto, cheiro ou gesto recente. Quem já amou demais tem mania de colocar aquela pessoa que já não o fazia feliz em um altar resplandecente, com fotos e lembranças de um tempo que não volta mais. Quem já amou uma vez não passa um dia sem olhar pra trás... enquanto à frente pede passagem alguém interessante, incandescente, alguém que deixaria sua vida quente e macia sem porques ou mas. Amar é saber que muita coisa vale a pena, que o que fica é resultado do que se esvai... que para cada lua que chega serena há um sol que se põe - que amanhã a porta vai se abrir e te mostrar o que o mundo propõe: um sopro de vida em águas tranquilas, sem uivos ou ais.

TREM DAS ONZE

Admito: eu gosto de rituais. São como sonhos no meio desse mundo de pedra, conforto nessa areia fofa e quente que a gente atravessa todo dia até ficar cansado. Há algum tempo meu ritual de terça à noite era sair do trabalho às dez e quarenta e sentar num bar perto de casa. Pedia sempre a mesma coisa, chamava um livro pra me fazer companhia e saboreava cada página com churrasco e cerveja. Numa noite dessas, depois de um dia grande demais, umas horinhas de descuido e redenção. Redenção. Abordou-me um senhor bem apessoado, de uns 60 anos, com a cortesia que ao bar sempre foi habitual. Fiz aquele pedido que nunca vai dar errado e o senhor se afastou, calmo e resignado. Podia jurar que estava feliz. Vi aquelas pessoas às onze da noite com bebês de colo no meio do boteco e tentei pensar se eu não faria a mesma coisa - estava calor, ele precisava dar uma volta... Sem mais. Chegou a cerveja. O churrasco veio logo depois. Dei a ficha ao moço jovem e sorridente enquanto ele deixava meu jantar sobre a mesa e tirei a outra do bolso esquerdo da camisa. "Essa é a ficha da cerveja. Esqueceram de pegar". O rapaz agradeceu, olhou pra trás e avistou o senhor. "Pai, o senhor esqueceu de pegar a ficha da moça". O pai respirou e assentiu com a cabeça sem esboço de sono, tristeza... personagem de um filme longo demais até pra ele mesmo. O gole desceu difícil. Lembrei-me da série *La casa de papel*, Denver e Moscou: pai e filho tropeçando pela estrada da vida, colegas, irmãos de

esperança. O herói vira companheiro de condução, de pito, de papo. Dependente no imposto de renda, parceiro nos pequenos delitos que se justificam pelo sobreviver. Modelo de conduta, de lealdade, de ser humilde, de estar aqui e lá pra você comer, meu filho, palavras que moldam todo um jeito de viver, sonos e sonhos que tomam outras formas quando a vida te chama na resposta e te fala "Anda! Sacode! Vive do jeito certo, do que tem mais amor". Tem gente que é tão pobre que só tem dinheiro, ouvi esses dias alguém dizer. O resto a gente acha num boteco em plena terça-feira às onze da noite, numa ficha guardada no bolso esquerdo da camisa... doida pra fazer a diferença.

CAR WASH

Adoro levar o carro para uma ducha. É como se ele fosse um bichinho que precisa tomar banho. Encontro um horário dentro do meu dia corrido e entro na fila. Fico sempre dentro do carro - é aí que mora toda a graça. Lá de dentro, vejo a chuva caindo e fecho os olhos. Imagino uma catarata enorme e seu barulho que chega bem perto, água que cai mas não molha nunca. Ouço uma música e deixo meu corpo moldar-se gradualmente ao assento. De repente sinto uma bruma macia a envolver-me por inteiro. Pelas janelas, um mar branco de espuma. Imagino uma banheira quentinha, sinto as cores e os cheiros de um banho de nuvens. Espreguiço da cabeça aos pés, como um gato mergulhado em leite fresco. Me perco de tudo. A chuva cai e limpo meus pensamentos; me compreendo: me melhora. Prezo cada um desses deliciosos minutos de passeio no céu - eles me dão a nítida impressão de que o amor há de vencer; meus poros em flor sussurram que ainda é cedo. Peregrino pelo mundo real no meio de um dia comum, e sinto que ainda tenho muito tempo...

FRÁGIL

Nunca hei de aceitar esse medo que habita o coração humano, essa descrença num trafegar mundano sem placa de pare, sem que dispare o alarme de uma sombra sua, de um sol e lua que não brilham mais. Ora, medo que é memória, filho de uma história, o que é que fica quando tu te vais? Aportar no cais de uma lembrança, enquanto a próxima dança se descola, desembola... brinca de andar pra trás.

PASSARINHA

Era uma vez um menino que de tanto olhar pra cima ficou com os olhos da cor do céu. O motivo? Ele era fascinado por passarinhos. Quando pequeno, passava as tardes de domingo sentado em frente à lagoa, desenhando cada bichinho bicudo voador em seu ângulo mais favorável. Rapidamente derramava cores sobre a imagem em HB, olhos atentos a cada nuance. De tão curioso, o menino ficou esperto - mais esperto que qualquer outro menino da sua idade. Não conversava muito; preferia observar as conversas de gente que entendia das coisas. Às vezes perguntava como, às vezes por quê; cada resposta ia enchendo seu jarro de ideias, iluminando seus doces olhos azuis. O menino era puro e alimentava-se de verdades verdadeiras. À primeira mentira, encarou a cena com um sobressalto. Havia sido informado de que o pintinho que ganhou na feira viveria muito tempo. Depois vieram os peixinhos dourados, a tartaruga e o coelho de bolso. Ah, mas isso é história pra outra história. Voltemos ao menino e seu gosto por passarinhos. Dos desenhos vieram vontades de segui-los, ver onde viviam. Mas eles tinham asas, ora essa! Certamente moravam em um lugar limpo e tranquilo - era o que eu faria se tivesse um par de asas ligeiras, ele pensou. Foi uma certa manhã com o pai ao mercado central, e sentiu uma mistura de sentimentos que plantaram uma dúvida entre as suas sobranceiras. Havia passarinhos de todas as cores e tamanhos, de várias belezas... mas estavam dentro de gaiolas. Todos eles. Esses

aqui precisam ficar presos, disse o vendedor, eles não conseguem viver sozinhos. São dependentes, domesticáveis e não têm instinto caçador. São dóceis e só anseiam por comida e água fresca. O menino olhou para os muitos passarinhos dentro de uma só gaiola no meio de tantas outras. Esses eram pequenos e coloridos, com uma máscara branca ao redor dos olhos astutos. Cantavam sem parar e logo, logo começaram a incomodar o pai. Vamos, meu filho: escolha um passarinho desses e eu o darei a você de presente. Os olhos do menino percorreram a loja com ansiedade. Em poucos minutos ele teria seu próprio passarinho! Olhou de novo para a gaiola dos bichinhos cantadores e fixou-os em uma passarinha cor de rosa. Era frágil e delicada. Não se mexia muito e não cantava. Respirava com dificuldade no fundo da gaiola lotada, encolhida, como se não pertencesse àquele ambiente. Passava o bico sobre as penas rosadas com doçura e, achou o menino, uma certa classe. Quero essa - o menino contorceu o corpo até aproximar o dedo da passarinha, que o olhava quieta. Olha, essa não vale a pena - está com a asa machucada, disse o vendedor. Mas ele queria mesmo assim. O pai tentou dissuadi-lo: olha bem, meu filho, tem tanto passarinho aqui e você vai querer logo essa que está doente e não pode voar? Qual é a graça? Vou cuidar dela, foi só o que ele disse. O pai sabia que com aquele ali não se podia discutir - se era aquilo, era aquilo mesmo. O vendedor abriu a gaiola e o menino pediu para tirar a passarinha de lá (não queria vê-la nas mãos de mais ninguém). Quando sentiu a penugem macia entre suas mãos quentes e puras, entendeu que havia ali um laço indissolúvel: estava apaixonado por ela.

Com cuidado, colocou-a dentro do ninho e foi conversando com sua menina por todo o caminho de casa. Pediu ao pai que construísse um viveiro do tamanho dele para que eles pudessem brincar. Comprou a melhor ração e inventou remédios naturais para curar sua asinha machucada. Ela agradecia com cantorias diárias e pousava em seu ombro pontualmente às oito horas da manhã. Os dias corriam felizes. Com o tempo, o menino foi crescendo e fazendo outros amigos. Acumularam-se as responsabilidades na escola e ele começou a gostar das coisas que a gente compra, das coisas que os outros têm. Em uma gaveta bonita do seu pensamento morava a passarinha. Numa manhã de sol quis ver a criaturinha rosada que mesmo de longe lhe trazia as mais belas alegrias. Como ela estava magra! Um maço de penas havia-lhe abandonado o corpo indefeso. Não podia voar; sua asa descansava imóvel sobre o dorso pequenino. Alguém que não tem nada a ver com esse conto poderia inclusive dizer que a passarinha chorava. O menino a envolveu com o calor de suas mãos macias, mas a passarinha não se aquecia. Com nuvens de súplica sobre os olhos de céu, ele tentou acolhê-la em seus braços - a passarinha não se aninhava. Vou cuidar de você, porque eu te amo - e foi assim que o menino beijou a passarinha e colocou-a no colo. Buscou as folhas e flores mais bonitas do jardim e fez um remédio perfumado. Acrescentou a ele uma lágrima sincera. A partir desse dia, o menino passou a visitar a passarinha diariamente. Fazia-lhe cafuné, contava pedaços da sua vida de menino e cuidava de suas feridas. Em pouco tempo a passarinha ficou linda e forte. Suas penas rosadas ganharam brilho e as asas

recuperaram o movimento. Arriscou-se a batê-las sem muito jeito, mas logo passou a fazê-lo com graça e desenvoltura. Quis chamar o menino. Cantou, cantou até que ele veio. O menino mal podia acreditar no que via: a passarinha rodopiava no ar, subia e descia num ballet charmoso e coordenado. Como você está linda! E forte! Venha, quero mostrar a todos como você é bonita e elegante! O menino abriu a porta do viveiro e convidou a passarinha a sair. Ela não correspondeu - todo o seu corpo tremia em êxtase. De repente o menino entendeu tudo. Entrou no viveiro e sentou-se próximo à passarinha, que o fitava nervosamente. Quando te vi pela primeira vez, você era uma linda passarinha assustada com a asa ferida. Te trouxe para casa e cuidei de você com todo o amor até que ficasse boa. E sabia que um dia você aprenderia a bater as asas. Sabia que você iria voar para longe. Não me arrependo de um minuto sequer em sua companhia, mas entendo que você precisa ir. Adeus, passarinha. Te amarei por toda a minha vida. A passarinha aproximou-se do menino e acarinhou seu rosto pueril. Quis mergulhar naqueles olhos azuis e perder-se neles por toda a eternidade. Olhou para cima e soube que outras cores a esperavam. Sim, ela fez com a cabeça. Levaria aquele olhar dentro do peito por cada um dos seus dias. O menino lhe estendeu a mão. Ficou na ponta dos pés, esticou o braço e a levou até a porta do céu. De olhos fechados, a passarinha voou.

PLEASE CHARGE

Toda vez em que eu me olho no espelho vejo algo diferente - uma sarda nova, uma linha que se acentua, um fio de cabelo que perde a cor. A expressão, no entanto, não se altera. Continuam a brilhar meus olhos pensativos, meus dentes que adoram convidar para uma gargalhada ou ao menos um sorriso sincero. Vejo as formas do meu corpo e me sinto feliz ao percebê-lo bem-cuidado, saudável sem exageros. Penso em toda essa informação a se desenhar sobre a minha carcaça sem pedir licença... fico desejando sorver mais um gole dessa mudança que me esquenta o peito sem drama e sem pressa. O sabor das novidades que laçam meu momento de vida dá água na boca, conforta como sorvete que a gente prova pela primeira vez. Timidamente flerto com minhas pequenas-grandes conquistas e agradeço por ser adulta em terra de criança, que ser adulta me tira o medo de trocar o estar pelo ser, me faz querer permanecer essa moça-menina que não acredita em metarromance ou pseudoescolha. É hora de fazer as malas: por dentro, medo mineiro de onda grande - mar bravio a me espreitar com seus olhos de sonho e temperança.

MUDANÇA

Há dias, entre momentos, parei inconscientemente frente ao meu guarda-roupas. Portas abertas, me convidava a dar uma boa olhada em tudo o que eu tinha reunido até aquela hora. Tanta coisa e eu a pensar no motivo para o que faltava. Estava lá tudo o que me agradava, só a mim. Percebi ao vaguear os olhos pelo quarto que só ficou o que me importa. Levantei e passei pela casa: uma casa bem morável: meia dúzia de móveis que me representam + uns eletrodomésticos que me ajudam. Os quadros que vieram são aqueles que contam histórias, mandam beijos e dizem pra eu não me distrair, que a felicidade é bem aqui - logo ali está a sua, é só procurar no lugar certo. Doei tantos sapatos que me davam calos, tantos vestidos que não se encaixavam, livros que li e que não leria, que adorei e que não... Pedacos de felicidades que não são mais ou nunca foram minhas - hoje eu sei e sou feliz pelas Cinderelas agraciadas por cada peça desse ex-closet chamado *a gente tentando se encontrar*. A gente quer mais sempre. Quero uma casa no campo sem cerca, com cachorro correndo e criança bagunçando, brincando de ser grande... Um amor leal. Quero um carro bom na garagem, umas viagens legais por ano e muito amor pra gente se presentear e dar de presente. Volto ao meu guarda-roupas, à minha estante de livros, à meia dúzia de móveis que me representam + uns eletrodomésticos que me ajudam. Essa vida é breve demais, é frágil demais, exige coragem e autoconhecimento em um nível que

talvez a gente nem tenha pra dar. Penso nisso e me dá um aperto na boca do estômago... Uma vergonha tão grande de ser feliz que enche meu peito de desespero e urgência, que a felicidade é esse agora que nos rouba uma fatia de fé por minuto ao mesmo tempo em que quer que a gente espere, que chore, que queira, que agradeça por estar nessa vida de passagem, nesse quando sem motivo algum, sempre a fazer as malas, sempre diferente cada vez que olha pra trás.

NOTTI BIANCHE

Outro dia tive um sonho engraçado: sonhei que meu coração tinha sido alugado. Uma coisa mais ou menos assim: o proprietário não poderia cuidar dele por um tempo, e estava prestes a trancar a porta, sair e deixá-lo fechado quando um inquilino apareceu. Havia muito interesse na compra definitiva, mas tal opção não era do interesse de mais ninguém. Assim, ficou acertado: o inquilino se dispôs a cuidar bem do coração por um período limitado mas desconhecido; em troca, passaria a habitá-lo. Por algum tempo, o coração bateu saudável - parecia ter finalmente sido domado. Comia, bebia e acabou por render-se aliviado. Ninguém pode dizer que o coração foi maltratado; pelo contrário, dia após dia foi limpo, acarinhado, bem-quisto e bem alimentado. O problema foi um só: após muitos dias e tantas noites, a comida não matou mais a fome; a bebida não matou mais a sede. O inquilino, preocupado, vendo que o coração murchava a olhos vistos, disse numa manhã de céu estrelado: você está assim desanimado porque sabe agora que o amor não é filme bonito com príncipe, entrega e destino traçado. Fiquei brava, depois triste. Concluí que o coração deveria ficar um pouco vazio, para respirar e viver outras histórias recheadas de alimento certo. O proprietário concordou, deu-me o tempo necessário para aventurar-me pelas estradas da vida enquanto resolvia as pendências da sua, que não devem demorar a cessar. Um dia ele volta. Nesse dia eu espero parar de sonhar.

ACROSS THE OCEAN

Ai... preciso tirar esse quê de quando e onde do meu agora. Desimpregnar meu peito de um calor que aperta, de um cheiro que arrebatava meu corpo mole e com fome me toma... Ai... o chão há de tremer sempre que você passar... Pela fresta da janela vou te respirar sem querer e te seguir com o olhar até... até hoje, até sempre - até a próxima vida.

NA CRISTA DA ONDA DE CALOR DA AURA ROSA

Você viu?
O quê?
A minha aura...
... Como assim?
Como assim o quê?
Sua aura?
É, tá vendo agora?
Não, por que, era pra ver alguma coisa?
Tá tentando pelo menos?
Boa pergunta! Não!
Então por que você tá me encarando desse jeito?
... Porque você é bonita, uai...
Que isso... você tá me olhando nos olhos há horas!
Quer saber se são marrons ou pretos.
Ah... .. tá... e...
Rosa.

Hã?
Sua aura. É rosa.
É bonita?
Linda. Quente, suave, parece uma onda de calor de cobertor felpudo.
Hum... que lindo...
Vem cá.
Me dá um abraço?
Assim?
É... que bom... tá sentindo?
Hum-hum. Tudo rosa... tem até cheiro sua aura...
Sério? De quê?
De não me esquece.
Que cheiro é esse? Não conheço.
Ué, de não te esqueço.
...
Dá a mão.

Pra onde?
Tô na crista da onda de calor da aura rosa... vem
comigo.
Sua aura também tá rosa...
Vem, que o dia é pequeno quando tamos juntos.
Sorte.
Muita.
Tempo...
Agora. Caso-te, menina da aura rosa.
Te dói? Gostar de mim?
Mais que em você.
Respira e vamos esperar passar.
Mas e esse cheiro de não te esqueço?
Toma um pouco dele pra você.
Te amo.
Te ligo.
Te sinto, te respiro.
Te espero.
Sempre?
Sempre...

SOBRE A AUTORA



Érika Amâncio Caetano é natural de Belo Horizonte, Minas Gerais. Possui graduação em Letras – Inglês e Português pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialização em ensino de língua inglesa (UFMG) e é mestre, doutora e pós-doutora em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. Atualmente trabalha como professora de Língua Inglesa na Faculdade de Letras da UFMG, sendo também membro do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin). Trabalhou no curso de Letras da Faculdade Interdisciplinar de Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e no curso de Letras do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), tendo atuado também na rede básica de ensino e em cursos livres. Ganhou seu primeiro concurso de redação aos dez anos e aos onze apresentava, para alegria da turma, capítulos semanais nas aulas de redação cujos protagonistas eram seus colegas de sala. Este livro é sua primeira publicação literária.

Antes de começar a ler, recomendo que você passe um café no coador, ampulheta alquimista dos sentidos. O mesmo café que marca o tempo da rotina e acorda o olfato pra mais um dia de poesia parece dialogar com o trabalho de formiga-cigarra determinada a juntar eletrodomésticos e amores no mesmo ponto de fusão pra beber quente em uma xícara com meia colherinha de açúcar. Érika carrega no peito o romantismo teimoso, que insiste em sobreviver feito criança faminta. E quando todo mundo voltar a falar dos últimos acontecimentos do país, ela vai encaixar sua poesia-(ana)crônica no olhar pra enxergar melhor onde foi que suas emoções se descosturaram e dar uns pontinhos. Seu texto insiste em alinhavar-se na trama da rotina: entre a barra do lençol e a do vestido, entre noitadas e discos... É bem possível que, lendo, você se reconheça nas entrelinhas e é muito provável que, vivendo, esbarre com suas rimas.

Amanda Sgarbi



ISBN 978-65-5869-470-0

